

O QUE O AMOR TEM A VER COM ISSO?

Estigma racial e capital incorporado

“Nossos problemas de raça começam, às vezes, dentro de casa.”

Dona Teresa, negra

O pagode e seu primo musical, o forró, navegam em volume alto para fora das casas ao longo do caminho até o bairro de Lua Cheia. São boas-vindas calorosas, especialmente depois das duas longas viagens de ônibus que me trazem até aqui. Antes que qualquer pessoa apareça, a música sempre dá o tom sobre como será o dia da vizinhança. A cada passo, a música pulsa cada vez mais alto, e as silhuetas borradas de corpos que vão do marrom claro ao escuro começam a tomar forma.

Corina é sempre uma das primeiras pessoas que vejo. Ela é uma mulher de pele clara, cabelo escuro que cai com suaves ondulações e traços faciais que lhe permite tentar reivindicar alguma branquitude. Hoje ela está do lado de fora, lavando suas roupas em um tanque e estendendo camisetas e lençóis recém-lavados em um pequeno varal. Ela tem orgulho de sua reputação como uma boa mulher, que é asseada, organizada e com quem todos da comunidade podem contar. Vive com suas duas filhas que se parecem com ela, mas as chama de morenas, tem um namorado negro que vai e volta e uma família grande de parentes fenotipicamente diversos que a visitam durante o ano.

A duas portas de Corina vive Sonia, uma mãe negra de pele escura com traços africanos (preta), cujas seis crianças podem ser identificadas racialmente como negras. Ela pôs uma cadeira do lado de fora de casa, assim consegue prestar atenção em suas crianças enquanto brincam. Suas

duas filhas passam correndo por mim em trajes de banho e gritando “*Be-eeteee!!!*”, com suas vozes ecoando.¹⁰⁴ A filha mais nova tem a pele ligeiramente mais escura, com traços africanos (descrita como morena escura) e com o cabelo afrotexturizado curto. A mais velha tem o cabelo mais encaracolado do que crespo e a pele levemente mais clara, sendo chamada de morena clara. Os filhos mais velhos de Sonia têm 5 e 8 anos de idade. O mais novo tem a pele mais escura, mas ambos compartilham características faciais parecidas e seus cabelos são aparados tão rente que apenas se vê o couro cabeludo. Eles estão sem camiseta, e o contorno de suas costelas aparece quando correm atrás das irmãs, agitando seus braços magros. O filho mais novo de Sonia, de 2 anos de idade, tem pele num tom médio de marrom, traços africanos e quase sem cabelo. Ele anda completamente nu (porque fraldas são caras) e se esconde atrás de sua mãe, espreitando-me com um olho quando passo.

Conforme me aproximo do centro do bairro, é possível ver Carolina através das cortinas translúcidas de sua janela aberta. Ela se identifica como morena, tem uma pele marrom de tom médio e o cabelo alisado, o qual geralmente usa molhado. É uma mulher solteira de cinquenta e tantos anos que raramente deixa de remexer o seu quadril conforme a música explode de um imenso aparelho de som de última geração que ela orgulhosamente chama de seu. Sempre tem um cigarro dependurado na boca e segura descontraidamente uma cerveja. Deixa as alças da camiseta regata caírem sobre seus ombros bronzeados enquanto faz gestos sensuais. Suas sandálias de dedo batem desajeitadamente quando dança na entrada de sua casa com a porta aberta, entrando e saindo para agarrar um transeunte desavisado por alguns poucos segundos cômicos de um entrelaçar de quadris e sensual forró – uma dança do interior.

Damiana proclama-se a bela do bairro, com a pele clara cor de caramelo e tez perfeita, lábios e nariz finos e nascida com o cabelo liso natural. Ela é uma mulher de negócios, grávida de 7 meses quando a conheci. Está sempre carregando alimentos, vendendo cervejas em casa ou fazendo petiscos para que possa vender aos vizinhos. Sua barriga de gravidez está enorme, um bojo protuberante em vestidos vibrantes de verão que lhe abraçam fortemente o ventre. Sua grande barriga indica a seus animados vizinhos que seu bebê nascerá em breve. A filha de Damiana, Regane, tem a mesma tez de caramelo, mas com o cabelo mais cheio e mais encaracolado. Ela está sempre correndo ou brincando com as filhas de Sonia na vizinhança, ou então com outras jovens crianças na praça principal. Hoje Regane

104 Bete é o apelido que os brasileiros me deram uniformemente. É uma forma abreviada do meu nome.

deve ter acordado tarde; ela saiu de casa se espreguiçando, vestindo shorts curtos e uma blusinha que mostra sua barriga. “Espero que você não vá sair de casa desse jeito!”, grita sua mãe, rindo, enquanto prepara o almoço ou lava pratos na cozinha.

Esses são os momentos. São diversos afro-brasileiros que parecem interagir tranquilamente, partilhando um espaço comum, supostamente sem se preocupar com raça, cor ou fenótipo. Todos estão sorrindo, felizes e cooperantes: Corina oferece aos seus vizinhos um café delicioso com biscoitos, outros se oferecem para comprar cervejas no bar do bairro, e Damiana contribui com uma salada de frutas que acabou de fazer para abrandar o calor de um dia muito quente. As mulheres riem umas com as outras, contando histórias sobre a semana que passou, dando conselhos sobre o que cozinhar no fim de semana ou então jogando conversa fora sobre os acontecimentos cotidianos. Eles têm uma vida rica e percebem que a raça é apenas uma de suas dimensões.

Por outro lado, essa parte de Lua Cheia não mostra que Corina está envolvida em uma rivalidade familiar com seus irmãos, que guardam rancor pelo fato de ela ser branca. Damiana e Regane estão ansiosas sobre a aparência racial do bebê que ainda não nasceu. E Luana se afoga em uma maré alcoólica para aliviar a dor dos maus-tratos em sua família. O ambiente alegre é sedutor, mas Corina revela nas primeiras horas de nosso encontro que “estou rindo por fora, mas estou sofrendo por dentro”. Esse é um comentário comovente sobre a vida em Salvador, um sentimento que seria percebido por vários entrevistados que vivem na vizinhança.

A noção comum de que “não há lugar como o nosso lar” é um produto de memórias duradouras, experiências e, o mais importante, de sentimentos positivos que estão associados à ideia de lar. Todavia, desde o encontro colonial nas Américas, tornou-se evidente que, pela manipulação de laços estreitos de amor e confiança nas famílias, a dominação poderia ser “rotineira e reorientada nas intimidades”.¹⁰⁵ O “olhar da família” pode ser usado para caracterizar as maneiras pelas quais as famílias determinam o bem-estar de seus membros ao avaliar suas aparências; contudo, os pesquisadores raramente identificam como o olhar da família pode reproduzir um olhar racista, em que as características raciais são identificadas, avaliadas e trocadas por recursos emocionais, assim como por oportunidades econômicas e sociais.

Este capítulo analisa como os comentários rotineiros, as práticas e as trocas afetivas criam um ambiente que naturaliza o estigma racial. Quando

105 Stoler (1991, p. 57; 2001, p. 864).

os indivíduos possuem características racializadas que desviam significativamente de uma branquitude idealizada, ou mesmo relativa, as reações às suas aparências desvalorizadas podem produzir e reproduzir o estigma. A estigmatização racial surge das formas com que as ideias mais abrangentes de branquitude se tornam mapeáveis no corpo e reverberam por toda a família.¹⁰⁶ Os dados apresentados neste capítulo atestam a persistência da branquitude hegemônica: mesmo na ausência de um colonizador físico, as relações sociais são estruturadas por uma ideologia dominante que muitas vezes reproduz a supremacia branca.

A raça desempenha um papel nas interações afetivas de um modo que pode variar significativamente ao longo da vida, mas as transições críticas da vida, incluindo o começo do namoro, o casamento iminente e o nascimento de uma criança, intensificam as tensões raciais e as ansiedades presentes pelo menos nas entrelinhas da preocupação familiar. A confluência de raça, fenótipo e gênero mostra que ser mãe é tanto algo que induz à ansiedade como também algo emocionante. Mensagens, práticas e emoções demonstradas desde a gravidez podem conter a sugestão de estigma racial e prenunciar as maneiras como essas preocupações serão importantes para a vida inteira de uma criança. Não apenas porque as famílias são permeáveis às hierarquias raciais, mas também porque ajudam a produzir e validar os significados racializados; a relação entre socialização e racialização constitui um interacionismo cíclico. Em última instância, os laços “tensos e tenros” que caracterizam o amor e a afeição nas famílias são a substância da dominação racial.¹⁰⁷

Tendo em mente que o tratamento diferenciado e a desigualdade se “iniciam na infância, mesmo na nossa antecipação pré-paternal/maternal acerca dos filhos que um dia podemos ter”,¹⁰⁸ começo a minha análise com uma gravidez e discuto a importância da aparência racial ao longo da vida.

A mão que balança o berço: relações mãe e filho

“Você tem alguém que estava pedindo para nascer feio, apenas pedindo para nascer feio. Olhe, sou realista. Alguns pedem para nascerem feios. [Elizabeth: o que você

106 Goffman (2009), Link e Phelan (2001).

107 Em seu trabalho sobre os “laços tenros e tensos”, Ann Laura Stoler (2001, p. 830) se baseia no trabalho publicado por Sylvia van Kirk (1983).

108 Kane (2012, p. 199).

quer dizer?] *Eles são pobres, negros e feios... e eles não gostam de estudar.*" (Mauro, 19, desempregado)

Os altos níveis de miscigenação racial têm levado ao surgimento de uma ampla gama de combinações fenotípicas e características que já formam mais de 100 categorias para descrever a aparência racial nas famílias afro-brasileiras. O corpo é tão central para a socialização que a família foi caracterizada como "o reino mais íntimo e inescapável onde a aparência física é interpretada e classificada".¹⁰⁹ A socialização racial em famílias fenotipicamente diversas oferece uma oportunidade para analisar o papel da família enquanto o primeiro local de reprodução de hierarquias raciais dominantes.¹¹⁰ Ao contrário das pesquisas que enfatizam a noção sagrada do *amor só de mãe*, o amor incondicional que as mães nutrem por seus filhos, os recursos afetivos podem ser distribuídos de maneira desigual nas famílias com base nas características raciais.¹¹¹ A não existência de uma expressão semelhante para os pais é um indicativo das expectativas de gênero na paternidade.

Damiana é uma das primeiras mulheres que conheci em Lua Cheia, grávida aos 28 anos, casada com Márcio e tem uma filha de 9 anos, Regane. Ela é alta, magra, da cor de caramelo e com cabelo preto liso natural. Quando Luana me apresentou a Damiana como "minha amiga americana" que estava interessada em estudar as famílias negras, Damiana responde: "Bem, você vai me entrevistar? Eu sou uma mulher negra, certo?". Não sabia ao certo como Damiana iria se identificar, uma vez que seu fenótipo racial lhe permitiria reivindicar outra categoria, de modo que fiquei agradavelmente surpresa por ela se identificar como negra e querer ser entrevistada. Sua fala é extremamente rápida, o que dificulta nossas conversas iniciais, mas depois de um tempo me acostumo com sua fala acelerada.

A família de Damiana optou por um sofá ao invés de uma mesa em sua pequena casa; assim, contra a parede atrás da pia da cozinha, eles colocaram um longo sofá marrom alaranjado, de frente para a fonte de entretenimento, um passatempo garantido: um grande aparelho televisior.

Apesar de a esfera doméstica ser vista como o espaço das mulheres, a gravidez de Damiana não a impede de circular pela vizinhança. De manhã cedo ela é vista lavando e estendendo roupas ou caminhando e retornando

109 Isto é verdade tanto para os emparelhamentos exogâmicos quanto endogâmicos, porque a qualidade relacional da raça e do fenótipo no Brasil privilegia "graus de branquitude" para que a diferença fenotípica tenha significado para todas as famílias. Ver Pinho, P. (2009, p. 39).

110 Gomes (1995).

111 Burdick (1998), Rebhun (2002, p. 166).

do mercado do bairro com sacolas pesadas repletas de frutas, sucos e outras coisas. Certo dia vi Damiana retornando do mercado com grandes sacolas de alimentos, então corro até ela e insisto para que me deixe ajudá-la a carregar as sacolas. Pego as sacolas de sua mão e ela ri por considerar aquilo um mimo desnecessário, e então caminhamos pelo trajeto irregular até sua casa.

Um dia Damiana me pede para sentar do lado de fora de sua casa e descascar mangas, para que assim possamos conversar enquanto ela faz a salada de frutas que às vezes vende na vizinhança. A casa dela não tem varanda. Há apenas uma pequena laje quadrada do lado de fora. Ela tem uma mesa de plástico amarela e cadeiras também de plástico que são muito semelhantes àquelas encontradas em bares e restaurantes. Na verdade, elas são claramente marcadas com o nome e logotipo de uma cerveja conhecida. Enquanto conversamos e descascamos as frutas para a salada, Damiana pede a Regane, sua filha, para me trazer o álbum de família. Ela tem orgulho de mostrar que é a mais bonita das irmãs, a única que nasceu com o cabelo liso natural. Enquanto folheio as fotografias, Damiana corta as mangas e conta que tem uma relação tensa com as mulheres da vizinhança, em parte por conta dos rumores de que seu marido foi pego lhe traindo com a sobrinha do vizinho, Cinthia. Além dos rumores sobre seu marido, as fofocas mais danosas alegam que Damiana é uma adúltera que dorme com os homens quando seu marido está trabalhando, além de também estar (supostamente) dormindo com a jovem Cinthia sem seu marido saber.

Essa é uma fofoca comum, reflexo de como as mulheres da vizinhança estão sempre observando, monitorando e policiando o comportamento que não é apropriado para a comunidade. As mulheres casadas são desencorajadas a ter relações extraconjugais; no entanto, quando as mulheres solteiras trazem homens para suas casas, os vizinhos ficam atentos e às vezes evitam bater em suas portas para dar privacidade. Quando o casal sai da casa, os vizinhos fazem piadas divertidas para demonstrar apoio ao relacionamento. A proximidade física dos vizinhos implica que os segredos raramente permanecem secretos. Os vizinhos têm conhecimento e também influenciam grandemente alguns dos elementos mais íntimos da vida familiar.

Apesar de muitas mulheres terem amizade umas com as outras, Damiana, infelizmente, não desfruta de nenhuma relação próxima com outra mulher da comunidade. Ela acredita que as demais são invejosas por conta de seus cabelos longos, lisos e naturais, e de fato o burburinho na vizinhança sugere que algumas realmente têm inveja. Embora nem todas as mulheres considerem Damiana como amiga, sua gravidez organicamente

transforma as conversas casuais entre as mulheres em questões de família, de bebês e de socialização. O sentimento de maternidade e feminilidade compartilhado rende horas de conversas animadas.

Em uma manhã, Damiana acorda animada para contar alguns dos sonhos que tem sobre seu bebê ainda não nascido.

Eu tenho sonhos sobre como ela vai se parecer. Às vezes ela é branca e às vezes é morena. Espero que ela tenha o meu nariz e o meu cabelo liso. É por isso que eu sento aqui todos os dias e assisto gente bonita na televisão. Se uma pessoa feia aparece eu tento não olhar em sua direção (risos).

Esses comentários iniciais e as observações constantes de Damiana sobre seus próprios traços revelam que a beleza e as características raciais são uma preocupação central para a gestante. O tom da pele do bebê pode variar entre branco e marrom, mas as referências de Damiana em relação à cor da pele sugerem que isto não é sua maior preocupação. Pelo contrário, o nariz e o cabelo do bebê são as *indicações* (os marcadores raciais) que ela constantemente discute e que serão mais decisivas. Eles são pontos focais porque são vistos como mais facilmente corrigíveis do que a cor da pele. Embora pesquisas indiquem que as características raciais para as mulheres têm grande influência nas possibilidades de casamentos futuros e oportunidades de emprego, não se sabe ao certo o quanto Damiana tem em mente as perspectivas do bebê. Nesse momento, parece que ela está mais preocupada com o reconhecimento pessoal ou *status* que pode desfrutar por ter um bebê que atende às expectativas raciais.

Passo bastante tempo na casa de Damiana, sentada no sofá e assistindo à gente bonita que aparece em programas e novelas brasileiros, aos quais ela assiste como uma medida preventiva para que seu bebê não nasça feio. Enquanto assiste, ela comenta sobre a beleza das atrizes, focando em seus cabelos e narizes, tecendo observações que continuam mesmo durante as propagandas. Em determinado momento, aparece na TV uma mulher branca de cabelos escuros, vestindo trajes de carnaval cheios de lantejoulas, e Damiana prontamente descarta a beleza dessa atriz, alegando que esta alisa os cabelos com secador, diferentemente de Damiana, que tem o cabelo liso natural. Logo em seguida, Ivete Sangalo, cantora popular baiana, branca, aparece em comerciais promovendo a sua música. Damiana fala sobre a beleza de Sangalo, avaliando positivamente o formato do nariz, assim como a lisura e o comprimento do cabelo. Como reflexo da natureza

de gênero dessas análises, seus comentários deste tipo não se estendem às celebridades masculinas e às personalidades televisivas.

A decisão consciente de Damiana de buscar oportunidades para assistir à gente bonita na televisão e de evitar pessoas feias nas ruas pode ser interpretada inicialmente como uma atividade não racial, mas a expressão gente bonita muitas vezes é coloquialmente entendida como “pessoas brancas”. Portanto, seus comentários expressam a normalização da branquitude e a confluência da beleza com a branquitude.¹¹² Expressões aparentemente neutras, como “pessoa bonita”, mascaram as dinâmicas de raça e gênero que são inerentes nas construções de beleza e, assim, carregam apreciações racistas que privilegiam a branquitude enquanto uma característica imparcial.

A despeito desses esforços preventivos para afetar a aparência racial do bebê, alguns vizinhos curiosos, que já comentavam sobre a história sexual de Damiana, também fofocam que ela tem uma barriga suja. Esses boatos apenas aumentam as ansiedades dela sobre a aparência racial do bebê.¹¹³ Barriga suja é uma expressão pejorativa que descreve a tendência de uma mulher a produzir bebês de pele escura, mas não é utilizada para todas as mães. Pelo contrário, é aplicada especificamente àquela mulher que poderia ter uma criança mais clara porque um dos membros do casal é significativamente mais claro do que o outro.¹¹⁴ Essa expressão normaliza o racismo de gênero ao comparar a negritude com um defeito de nascimento e ao pôr a culpa na mulher pelo “defeito” de ter um ventre sujo. Objetos são considerados sujos por serem inúteis ou não terem valor; a retórica dos ventres sujos e limpos ecoa as preocupações sobre raça e pureza que eram articuladas durante a era do eugenismo.¹¹⁵ Damiana não responde aos comentários sexistas e racistas de modo a desafiar os boatos, mas mantém seu ritual televisivo diariamente na esperança de que, de fato, ela não tenha um ventre sujo.

Embora Damiana não problematize a expressão barriga suja, nem todas as famílias a aceitam sem fazer críticas. Um pai e várias mães que entrevistei se lembram de ouvirem a expressão usada em relação a outro

112 Pinho, P. (2006), Adelman e Ruggi (2008).

113 No trabalho de Robin Sheriff (2001, p. 144) sobre raça em uma favela do Rio de Janeiro, ela menciona que nas famílias “se sente um tipo de antecipação e preocupação sobre a cor antes do nascimento de uma criança”. Ela também sugere que isso não é discutido abertamente, o que permanece em contraste em como os bebês são discutidos neste estudo.

114 A noção de barriga suja foi discutida em outra pesquisa no Brasil. Ver Twine (1998), Baran (2007), Burdick (1998).

115 McClintock (2013).

membro da família ou a eles mesmos. Dois entrevistados ilustram como resistem a tais comentários:

[Eles dizem] “Oh, ela tem uma barriga suja. Olhe a cor do bebê! Eles [os pais] são bastante escuros e ele nasceu branco”. Agora, ele realmente era branco e gordo (referindo-se a seu sobrinho). As pessoas dizem isso (ri bastante). Meu Deus, que ignorância! Imagine quão ignorante é pensar que, se uma mulher é negra e seu marido é mais claro, então se ela tiver uma barriga suja a criança nascerá branca, e se seu ventre fosse sujo nasceria negra. Deus tenha misericórdia! (Rebeca, 51, professora aposentada)

Criticando o que chama de “ignorância”, Rebeca acha engraçado e absurdo quando se lembra da forma como os passantes viam seu sobrinho, focando em sua cor para determinar se sua mãe tinha um ventre limpo ou sujo.

De modo parecido, Daniel relata que conhece bem o termo:

Eu ouvi muitas vezes quando criança e também já adulto. [Elizabeth: E o que você diz?] Bem, eles dizem isso e eu digo “Não, ninguém tem um ventre limpo ou sujo. Todo mundo nasce como Deus quer, e isso é bom”. (Daniel, 57)

Com uma aparência séria, Daniel revela que se sente incomodado pela ideia de ventres limpos e sujos e se baseia em ideias universais sobre humanidade para substanciar sua afirmação de que todos são iguais. Daniel seria visto como branco na Bahia, e sua esposa é preta, uma mulher de tom de pele muito escuro com traços africanos. Sua frustração com a terminologia racista e sexista está ligada à experiência pessoal, como ele revela posteriormente.

Esses momentos de resistência oferecem pouco alívio às mães, porque tanto elas quanto seus filhos serão julgados com base no fenótipo racial. Por conta disso, desde muito cedo são codificados os medos de estigma racial nas expectativas e desejos da mãe e da família. Após o nascimento do bebê, eles modelam a forma do sistema familiar, influenciando, por fim, as interações e respostas afetivas da mãe para com seus outros filhos e seu bebê.

Damiana entrou em trabalho de parto no dia em que estava indo para um outro bairro de Salvador, então não pude testemunhar o dia do

nascimento. Esperava acompanhar Damiana ao hospital para ver o processo de registro e observar como todos reagem ao recém-nascido. De acordo com outros entrevistados brasileiros, o hospital era um espaço potencialmente importante, descrito pelos pesquisadores como um “espaço de vigilância” quanto ao policiamento da raça.¹¹⁶ Por exemplo, quando estava grávida de seu filho mais novo, Alberta, da família Fernandes, lembra-se da felicidade do nascimento do bebê, cuja aparência era assunto de conversa da equipe de enfermagem da maternidade:

Menina, o Léo, ele nasceu com o nariz perfeito! Digo, o nariz perfeito (Ela vira sua cabeça para mostrar seu perfil e então desliza seu dedo pelo dorso do nariz e o toca no final). Todas as enfermeiras vieram ver e todas diziam que ele nasceu com o nariz perfeito. Você deveria ter visto! Mesmo agora, meu filho tem o nariz perfeito. (Alberta, 42)

De acordo com Alberta, no momento em que seu filho nasceu, as enfermeiras ficaram comentando e pedindo para ver a criança com o “nariz perfeito”. É claro que alguém pode imaginar o que acontece quando um bebê não tem os traços perfeitos. Pelo fato de a raça e o fenótipo serem tão imprevisíveis no Brasil, o dia do nascimento pode ser decepcionante para as mães que esperam ganhar na loteria racial, especialmente se foram tomadas todas as precauções necessárias. Taynara, que tem a pele marrom escura, o cabelo encaracolado naturalmente e que se identifica como negra, revela que quando sua filha nasceu com a pele clara, parentes e amigos disseram: “Você pulou a fogueira!”. Essa afirmação é tanto sobre considerar a branquitude enquanto uma realização como uma sugestão de que dar à luz uma criança negra é comparável a ter sido queimada pelo fogo.

A entrevista de Lilza também revela como a internalização das hierarquias raciais pode criar sentimentos de decepção quando as crianças não nascem com características raciais altamente valorizadas. Lilza refere-se à melhor amiga da mãe, Jani:

Bom, quando eu nasci, ela [Jani] ficou morrendo de inveja, porque a filha dela nasceu mulata. Ela é clara, mas o marido dela é negro..., mas tem cabelo melhor, bonzi-

116 France Winddance Twine (2001, p. 133-137) escreve que os hospitais tem sido historicamente um espaço de vigilância para todas as mulheres, e particularmente para as mulheres brancas, que poderiam ser suspeitas de ter uma relação inter-racial.

nho, né, melhor. O cabelo dele é liso, o cabelo dela é mais crespo, mas ela é branca e clara. Quem é branco aqui? Não tem ninguém? Né? Aí ela teve a filha dela, nasceu mulata mesmo, cabelo crespo com pele morena, negra. E a filha da minha mãe, apesar de minha mãe ser negra, eu nasci branca com olhos claros. Aí ela olhou para minha mãe e falou assim: “Queria que a minha filha tivesse nascido loira com olhos azuis”. E até hoje ela fica comparando a filha dela comigo. Entendeu? Até quando eu entrei na faculdade, disse que não queria que sua filha entrasse porque tem maconheira. Que a faculdade era lugar de drogado. Porque na verdade ela se sentiu incomodada.

Neste exemplo, Jani expressa claramente a decepção por sua filha ter nascido com características menos valorizadas e que conferem um *status* mais baixo. Sua filha nasceu uma “verdadeira” mulata, ao contrário de branca ou até mesmo morena. As mulatas são sexualizadas em comparação às mulheres brancas e morenas, que são costumeiramente chamadas de belas sem a bagagem da hipersexualidade.¹¹⁷

A reação emocional de inveja de Jani em relação à filha da melhor amiga, Lilza, fica evidente na decepção por seus sonhos de ter uma criança branca não terem sido realizados. A competição entre as duas mães se estende até o nível universitário, quando Jani é obrigada a manter a dignidade diante da inabilidade de sua filha de entrar na faculdade. Embora Jani pudesse procurar a assistência de organizações envolvidas na admissão de estudantes afro-brasileiros nas universidades, ela rejeita a possibilidade e, em vez disso, ressignifica a universidade como um empreendimento que não vale a pena. Dessa maneira, a recusa de Jani em abraçar completamente a categorização racial da filha afeta a trajetória educacional da menina.

No trecho acima, Lilza apresenta o fenótipo racial do parceiro de Jani a fim de ilustrar a base em que estavam alocadas as esperanças de Jani sobre a possível aparência racial da filha. O marido de Jani possui características racializadas, como o “cabelo melhor”, que compensaria a sua pele de tom escuro, conferindo-lhe uma posição um pouco melhor na hierarquia fenotípica. A noção de cabelo “melhor” ou “bom” reflete hierarquias estéticas racistas em que o cabelo liso é sinal de branquitude e, portanto, é mais valorizado. Além disso, a pergunta e as risadas de Lilza quando indaga se

117 Em uma análise de canções populares, Martha Abreu discute as maneiras como as mulheres que se enquadram nessas categorias são racializadas e sexualizadas de formas diferentes. Ver Abreu (2005), Giacomini (2006).

seria adequado tratar qualquer brasileiro como branco são um reflexo de suas próprias ansiedades raciais relacionadas a sua aparência branca. Esse tema será desenvolvido no capítulo 4.

Com as crianças, a visibilidade pública e as demonstrações do corpo são impulsionadas ou contidas com base em um sistema racializado de valor.¹¹⁸ São essas considerações que deixam Damiana eufórica quando ela dá à luz uma menina que é unanimemente vista como bonita: a bebê tem a pele branca e o cabelo liso. Damiana distribui pequeninas bonecas brancas de plástico com pequenos laços para anunciar a chegada da recém-nascida.

Após o parto, Damiana ansiosamente me convida para fazer uma caminhada na vizinhança enquanto exhibe sua bebê para a comunidade. Sua insistência para que eu a acompanhe é um gesto que ecoa fortemente alguns dos estudos clássicos de famílias afro-brasileiras na Bahia, os quais observam que quando os bebês nascem com a pele clara e com características brancas, eles são presos ao peito da mãe, enquanto os que nascem com características negras estigmatizadas são escondidos atrás, nas costas.¹¹⁹ A caminhada pela apinhada rua principal sob o sol forte me parece um ato informal, ainda que cheio de emoção, envolvendo a relação entre vigilância, exibição e um desejo de validação. Enquanto caminhamos, Damiana pergunta-me se eu gostaria de segurar a bebê, e meu medo talvez irracional de deixar a recém-nascida cair me impede de aceitar a oferta. Quando percebo que minha recusa está começando a parecer ofensiva, aceito relutantemente a minúscula criança em meus braços e a coloco em meu peito para lhe dar mais segurança. Damiana ri, aparentemente se divertindo com a minha dificuldade de encontrar uma posição natural para a bebê em meus braços.

Depois de apenas alguns minutos, devolvo a bebê a Damiana porque ela é mais pesada do que parece, porém não antes de amigos, familiares e passantes desconhecidos olharem por sobre o cobertor para dar uma olhadela na recém-nascida. Estranhos e transeuntes ficam muito à vontade para fazer comentários não requisitados sobre a gordinha, denotando o mesmo tipo de monitoramento às aparências físicas das mulheres.¹²⁰ Embora alguns passantes apenas olhem rapidamente e sorriam, outros são

118 Adelman e Ruggi (2008).

119 Donald Pierson (1967, p. 121) cita o trabalho de João Varella, que escreve em *Da Bahia do Senhor do Bonfim*: “Quando a criança era negra e feia, era carregada dessa maneira. Se, no entanto, ele era *a coisa mais limpa*, era levado na frente, nos braços de sua mãe, para que todo o mundo pudesse vê-lo mais facilmente”.

120 O espaço pessoal, incluindo o corpo, é espaço público em Salvador. Dou o seguinte exemplo: uma transeunte, uma completa desconhecida, se aproximou e me perguntou por que eu tinha tantas espinhas no rosto (estava tendo uma reação ao calor). Ela disse que eu era muito bonita para deixar que espinhas arruinassem o meu rosto, e passou a tentar estourar uma delas!

mais ofensivos e dão uma olhada mais de perto antes de proferir o veredito de aprovação ou desaprovação.

O olhar da vizinhança

No Brasil, aquilo que se entende por o olhar da família também pode ser aplicado aos vizinhos, que funcionam como uma família estendida, participando da socialização racial ao policiar corpos racializados, legitimando a diferenciação pela cor e pelo fenótipo e reproduzindo o estigma racial. Ao longo da diáspora, o cuidado dos pais para com os filhos é visto como uma atividade de comunidade, compartilhada entre “mães de sangue” e “outras mães”, que moldam as ideias sobre raça e características raciais.¹²¹ As noções de espaço físico pessoal e privado são limitadas no Brasil, e estas dinâmicas afetam mais do que os arranjos familiares e os espaços públicos. Os membros da família estendida têm um papel crucial de socialização, porque sua distância e proximidade simultâneas lhes permitem socializar membros familiares de certas maneiras que, do contrário, poderiam ser consideradas inaceitáveis.

Para explicar por que os amigos da família são capazes de falar tão duramente sobre as crianças de seus vizinhos e amigos, Lilza se refere à melhor amiga de sua mãe, Jani, e afirma: “É que minha mãe é amiga dela desde novinha... é por isso que ela fala tão descaradamente”. A licença comum que as pessoas têm para julgar e comentar sobre os corpos das mulheres se estende às associações íntimas, como os vizinhos, colegas de trabalho e membros da congregação da igreja. Em resposta aos olhares e comentários dos passantes, Damiana sugere que andemos até encontrarmos fitas, ou laços coloridos, da Igreja do Bonfim, que, para ela, irão proteger o bebê do *olho gordo* dos transeuntes invejosos, incluindo os amigos e a família.

Enquanto os vizinhos de Damiana caíam de amores pelo bebê recém-nascido, eles também expressavam suas apreensões racializadas. Durante nossa caminhada pela vizinhança, paramos no supermercado em que Damiana havia trabalhado. Lá dentro, duas atendentes de caixa puseram as mãos sobre seu rosto e deixaram as máquinas registradoras para parabenizar Damiana e dar uma primeira olhada na bebê.

Ela é linda!... Mas você sabe, você realmente precisa fazer algo sobre esse nariz (risos), esse nariz chato dela.

121 Wilder e Cain (2010).

Com certeza você vai ter que afinar esse nariz com um pegador. Você precisa apertá-lo. Não há outra maneira de contornar isso (todos acenam e riem alto). (Marta, 34)

Os elogios sobre a beleza da bebê são imediatamente ofuscados pelo conselho de como modificar seu nariz problemático. De acordo com os julgamentos do senso comum de seus vizinhos, um nariz largo é uma característica sem dúvida indesejável. Ao mesmo tempo, seus comentários são ambíguos porque carregam um tom de humor. Devido a essa ambiguidade, imagino que os comentários são feitos em tom de brincadeira, para tirar sarro de ideias antiquadas sobre características raciais negras.¹²² Conforme vamos saindo do supermercado, um dos funcionários aperta o nariz com os dedos e ri enquanto repete que Damiana precisa comprar um pegador para o nariz da bebê. Damiana despede-se e ainda está rindo quando saímos. Receio que perguntar sobre essa interação poderia ser visto como ingênuo e ofensivo, mas tomo coragem para lhe perguntar se ela irá comprar um pegador para o nariz da bebê. Ela responde como se a sugestão fosse absurda: “Não, Elizabete, de modo algum vou comprar um pegador para o nariz dela!... Só vou usar os meus dedos!”.

Sob o risco de interromper a respiração da bebê, Damiana segue o conselho de suas amigas e se envolve em um ritual diário em que ela aperta e segura as narinas da bebê por alguns segundos, na esperança de que seu nariz vá se tornar mais fino. Fico sabendo disso através da filha mais velha, Regane, que me conta sobre a prática em uma entrevista privada. Regane decidiu me contar porque está preocupada que a bebê possa não respirar e teme que sua mãe pode estar machucando sua irmãzinha. Conforme Regane descreve o procedimento para mim, ela aperta as narinas da menina e usa a mão livre para contar até cinco. Ela sorri assim que completa a demonstração, dizendo-me que sua mãe faz isso com a bebê várias vezes ao dia.

A decisão de Damiana de realizar o ritual não é baseada apenas numa preferência individual, mas está ligada ao reforço da comunidade e a todo um sistema de normas raciais que requer que mães “disciplinem os corpos” de suas crianças com base em hierarquias raciais, de gênero e de fenótipo.¹²³ Não apenas os vizinhos sugerem que o ritual é importante para eliminar os traços de uma aparência negra, mas Marta explica que é parte de seu papel enquanto boa mãe: “uma mãe tem que cuidar disso”.

122 Donna Goldstein discute a “estética emocional” que as famílias e mulheres no Brasil usam em conversas sobre atos ofensivos ou violentos. Outros pesquisadores escrevem sobre a história de expressar declarações racistas à guisa de humor. Ver Goldstein (2013), Sue e Golash-Boza (2013).

123 Foucault (1977), Waskul e Vannini (2006).

A modificação de um nariz largo foi relatada em outras quatro famílias como prática que as mães tanto conhecem como praticam. Algumas mães explicam que os bebês têm a pele mais maleável e flexível, portanto apertá-lo serve como um tipo de “condicionamento” para remodelá-lo. Em outras famílias, modificar o nariz envolve um processo mais extremo:

Lembro-me de minha mãe fazendo isso com as minhas irmãs. Ela acendia uma pequena vela e esquentava os seus dedos na chama, então ela apertava o nariz do bebê e segurava. Eles diziam que iria corrigir o nariz. Quem quer um nariz largo? Lembro-me das mulheres, nossas vizinhas, que gritavam para nós de suas janelas: “Não se esqueça de apertar o nariz dela!”. (Tais, 49, professora aposentada)

A realização dessa prática perigosa envolvendo fogo reflete a incorporação de raça e de noções de estigma social nas práticas familiares. As supostas histórias de sucesso que as mulheres discutem são consideradas motivações razoáveis para ao menos tentarem “corrigir” esta característica desvalorizada. Marta, uma mulher de pele clara e com duas filhas, conta para Damiana:

Tenho duas crianças e eu fiz isso, e minha mãe fez o mesmo com todos nós para que eles não tivessem o nariz que o boi amassou. (Marta, 34)

Marta não apenas dá indícios que sugerem que o processo funciona, mas também utiliza uma expressão comum que caracteriza o nariz largo como algo que foi pisado ou danificado por um animal para lembrar Damiana das consequências de não participar da prática. Com o consenso popular de que o nariz largo deve ser avaliado negativamente, Damiana sente-se compelida a intervir para que sua filha não seja alvo deste tipo de comentário e para que ela possa ser vista como uma boa mãe. Dados os comentários anteriores de Damiana, nos quais elogia seu nariz fino e o de outras mulheres, está claro que o nariz da bebê tem um valor estético que também se reflete na mãe.

No entanto, ainda existem algumas mães que rejeitam esses rituais raciais. Dona Lara, mãe de três, que se identifica como preta e negra, diz que já observou a modificação de nariz, mas se recusa a realizar a prática

em sua própria família. Em uma entrevista que se transformou numa tempestuosa conversa familiar, ela explica a sua posição:

Dona Lara: Ah, sim, isso é uma coisa que as pessoas estão acostumadas a fazer no interior. Minha mãe fez isso com minhas irmãs mais novas.

Elizabeth: Onde é feito? Na cozinha?

Dona Lara: Não, não é nada escondido, ela fazia aqui mesmo na sala de estar. Você pega uma vela, passa o dedo... Diziam que iria melhorar a aparência do bebê.

Dilson (seu filho): O quê? Sério?

Dona Lara: Sim, eles diziam que ia melhorar a aparência...

Dilson (corta a conversa de sua mãe): Então, por que você não fez isso comigo? (A sala irrompe em risadas)

Elizabeth: (assim que os risos terminam) Por que você decidiu não fazer?

Dona Lara: Porque, porque eu não tenho esses problemas com beleza. Eu acho que os pretos são lindos... não funciona, de qualquer forma. E não era nem apenas o nariz. Eles usavam fogo para dar covinhas ao bebê, porque as pessoas pensavam que covinhas eram bonitas. Era a mesma coisa.

Todas as famílias estão cientes da estigmatização de traços negros, mas nem todos internalizam essas ideias, ou tentam modificar a aparência racial de suas crianças. Ainda assim, Dilson brinca que sua mãe deveria ter usado a técnica nele. Embora todos tenham rido, a própria experiência dele com a estigmatização racial sugere que aquilo poderia não ser só uma brincadeira (ver capítulo 3). Da mesma maneira, a resposta de Dona Lara de que o procedimento “não funciona, de qualquer forma” sugere a ambivalência com que os pais lidam com essas práticas. Será que ela tentaria usar a técnica se achasse que iria funcionar?

Um elemento inesperado da conversa com Dona Lara é a revelação de que as mães tentavam usar o mesmo processo envolvendo fogo para criar covinhas nas bochechas dos bebês. Embora as covinhas não sejam uma característica racializada, um bebê com covinhas é provavelmente considerado mais bonito do que aquele que não as tem. Mais uma vez, as mães encaram a estigmatização de traços raciais e a ênfase na beleza presente na sociedade brasileira e, então, utilizam esses rituais para tentar administrar essas pressões e maximizar da melhor forma possível o capital incorporado de uma criança.

Um nariz é visto como corrigível na infância, mas algumas outras características são vistas como irrecuperáveis. Dona Elena, mulher negra de 68 anos de idade, conta sobre o nascimento da filha, cujo apelido é Neguinha:

Quando a Neguinha nasceu, ela era totalmente preta, quero dizer, preta mesmo. Quando vim do hospital para casa e seu pai a viu, ele disse “Ugh! Onde você pegou esse bebê preto? Leva ela de volta!”. (risos) (Dona Elena, dona de casa)

Nesse caso, o nascimento de um bebê com a pele muito escura tem como consequência emocional o esmorecimento de uma ocasião que normalmente é alegre. Embora os pais descrevam sua raça e cor como negro e preto, respectivamente, a aparência de sua filha, ainda mais escura, leva a uma reação emocional negativa. Ainda que a risada seja usada para desviar de tal reação, a repulsa do marido é consistente com sua internalização de significados e valores mais abrangentes relacionados a uma cor de pele muito escura. Desde o nascimento, sua filha Neguinha, agora com 37 anos de idade, tem sido chamada exclusivamente pelo apelido, até porque poucos membros da comunidade conhecem seu nome de registro. Seu tom de pele define parte de sua identidade. Neguinha é uma das poucas pessoas que se recusaram a ser entrevistadas neste estudo.

Mesmo quando há resistência aos rituais, o conselho da vizinhança – “não se esqueça de apertar o nariz do bebê” – lembra as mães de que os corpos de seus filhos e o próprio valor destes estão à mostra. Mais ainda, o reforço dos vizinhos que enquadram o ritual como uma prática corretiva necessária constitui o nariz largo como um problema legítimo, se não um problema médico que precisa ser corrigido, e obriga a mãe a tomar uma

atitude para que não seja vista como negligente.¹²⁴ Se há alguma dúvida de que a correção de um nariz largo é uma prática racializada, a prevalência no Brasil daquilo que tem sido chamado de “cirurgia de nariz negroide” deveria saná-la.¹²⁵

Mães não biológicas – ou “outras mães”, vizinhas que se envolvem no olhar da família – transmitem mensagens e comportamentos através de suas reações afetivas que têm ramificações consideráveis para as famílias afro-brasileiras. Os comentários dos vizinhos e sua vigilância racial continuam ao longo da vida e podem ser uma fonte de grande apreensão para mães e irmãos. Vários entrevistados relataram que suas famílias fenotipicamente diversas eram o alvo de escrutínio e vigilância por parte dos vizinhos. Débora, que tem cinco irmãos, afirma:

Há apenas duas pessoas na minha família que não têm o cabelo liso: meu irmão mais novo e minha irmã. E essa coisa aparece quando você tem retratos da família, e os de fora sempre perguntam “todos tiveram o mesmo pai?”. Na verdade nós nos sentimos muito desconfortáveis, porque eles sempre perguntam isso. (Débora, 26)

Os comentários ouvidos de membros de famílias estendidas não biológicas são sempre consistentes com as mensagens recebidas dentro das famílias biológicas. Lídia recorda-se de seu pai interagindo com os netos de maneiras que transmitiam ideias sobre hierarquia racial e fenótipo:

Meu pai, Deus o abençoe, não aguenta mais ver um nariz... Minha irmã tem um nariz grande que ela herdou do meu pai, mas ele tem um nariz grande que é do tipo afilado. Meu pai fala muito sobre isso que chega a parecer racista. Ele esquece que é negro! Nós dizemos a ele “Pai, você é negro, você só tem a pele clara. Você se lembra do nariz do seu pai? Seu pai tinha um nariz, era chato, e sua filha herdou dele e herdou de você. Seu nariz é afilado, mas é enorme”. Quando nasce um neto, ele diz “Ei, olhe, ele vai limpar a raça, limpar a raça”. E quando ele diz isso, nós brigamos. E dizemos “Não ria ou sorria muito, porque quando eles têm um ano

124 Pesquisadores escreveram sobre como as mães são culpadas quando os filhos nascem com problemas ou “defeitos”. Ver Blum (2007), Arendell (2000).

125 Edmonds (2007).

de idade são dessa cor, aí aos dois anos de idade eles acabam ficando pretinho, pretinho”. Isso só pode ser para nos incomodar. Não é possível que ele seja racista, certo? (Lídia, 54, empregada doméstica aposentada)

A noção de “limpeza da raça” carrega traços da linguagem da contaminação racial popularizada durante as preocupações de higiene racial do Brasil do começo do século XX. Em Salvador, onde as famílias são fenotipicamente diversas e a branquitude é supervalorizada, as práticas de socialização desenvolvem-se com o objetivo de reposicionar o continuum fenotípico. Ainda que a branquitude não seja atingível, um fenótipo que se aproxima da imagem de *morenidade* é cada vez mais popular.¹²⁶ A *morenidade* é considerada uma aproximação alcançável da branquitude ocidental caracterizada pela pele marrom clara (em vez de pele branca) e cabelos castanhos claros que balançam. Ao mesmo tempo, alguns pesquisadores argumentam que a ideia de *morenidade* é simplesmente uma versão atualizada de *mestiçagem*, que usa o fascínio da miscigenação como forma de eliminar a negritude ou aceitar versões de negritude que se aproximam da branquitude.¹²⁷ A batalha de Lídia para entender o que ela percebe como um racismo internalizado da parte do pai também é significativa, pois reflete a dificuldade em processar esses comentários quando eles são feitos por membros familiares. Embora ela e sua irmã “briguem” com ele, outros simplesmente não sabem como reagir quando seus entes queridos fazem comentários tidos como racistas.

Em outros casos, a importância da raça e do fenótipo é manifestada não na maneira como as mães tratam seus filhos, mas em como tratam os outros. Como Liliane recorda:

Minha mãe não gostava de pretos. Ela nunca mentiu sobre isso para ninguém. Pensava que a coisa mais triste no mundo era ter uma criança negra parada na sua frente. Ela dizia “leve embora, leve embora”. Ela teve filhos [negros], mas não gostava de pretos. Se ele é preto, ele não é uma pessoa, leve-o embora. Ela não gostava deles. Se eu te convidasse para a casa dela agora, ela diria “Oooh, menina, que mulher linda que você é”, coisas assim, abraçaria você. Mas assim que saísse, [ela

126 Sansone (2003).

127 Nascimento (1979).

diria] “você trouxe aquele demônio preto aqui?”. (Liliane, parda, 48, à procura de emprego)

O afeto negativo às crianças de pele negra que a mãe de Liliane expressa é percebido por seus próprios filhos, que estão expostos ao desdém que ela sente pelos pretos. Além dos estudos que sugerem que as emoções negativas afetam irmãos e crianças, as observações de uma mãe que rejeita crianças negras é uma imagem poderosa que pode potencialmente moldar a forma como seus próprios filhos enxergam a si e aos outros.¹²⁸

O elemento mais substancial da fala de Liliane é que a negritude não é apenas depreciada, ela é desumanizada ao ponto de um preto “não ser uma pessoa”. Como alguém classificada como preta, eu não seria considerada uma pessoa, mas um demônio. Fui inserida em uma situação hipotética para Liliane mostrar como a etiqueta racial e a cordialidade promovem roteiros de interação que frequentemente ocultam os verdadeiros sentimentos das pessoas. Em coerência com esse fato, os afro-brasileiros sempre relatavam durante as entrevistas que “o racismo no Brasil existe, mas no Brasil é muito mais velado”. O velamento do racismo é, em parte, resultado do gerenciamento que os brasileiros efetivamente fazem das regras de etiqueta racial, baseando-se em comportamentos encenados que respeitam as regras das relações cordiais de raça. Falsas formalidades são usadas juntamente com uma linguagem codificada e um humor racista, de modo a reproduzir e normalizar as hierarquias raciais dominantes.

Mama's baby is daddy's maybe¹²⁹

Em uma sociedade patriarcal e racializada, as mães são frequentemente consideradas culpadas quando as crianças nascem com traços negros, como se a negritude fosse um defeito. Na verdade, sociedades ocidentais mais abrangentes “consideram as mães como responsáveis pelo que as crianças fazem e, assim, pela saúde das famílias, pelos futuros cidadãos e pela nação”.¹³⁰ A culpa pelo fenótipo de uma criança está intimamente relacionada ao complexo honra/vergonha no qual a sexualidade da mulher está incluída, ainda que monitorada por sua aderência às regras sexistas de com-

128 Larson e Almeida (1999), Stocker et al. (2007).

129 Nota do tradutor: o título da seção é inspirado na canção de Swamp Dogg “Mama's baby daddy's maybe” de 1970, que literalmente significa “o bebê da mamãe, talvez do papai”.

130 Blum (2007, p. 202).

portamento.¹³¹ No Brasil, as mulheres são consideradas como mais sensuais do que as mulheres de outras nacionalidades. Mas a sexualidade de uma mulher é categorizada como boa contanto que seja expressa após a saída da casa do pai e desde que seja limitada aos muros do casamento.¹³² Como extensão dessa ideia, os ventres são bons ou limpos quando produzem um bebê com características claras ou brancas, de acordo com os apelos implícitos e explícitos para melhorar a raça.¹³³ Consequentemente, as mulheres não só são definidas por sua sexualidade, mas também julgadas e marcadas como boas ou más pelo produto racial de sua sexualidade. Uma mãe pode sofrer com o estigma sexual intenso ou ser considerada sexualmente suspeita se a aparência de um bebê não é condizente com as expectativas.¹³⁴

Entre cafés e biscoitos em sua casa, Corina oferece um exemplo sobre como seus sogros reagem à aparência racial de seu filho mais velho e relata as consequências materiais por seu filho possuir um marcador racializado: orelhas pretas.¹³⁵

Você sabe que, quando um bebê nasce, ele às vezes nasce pretinho, com orelhas muito escuras. No dia que a avó dele veio vê-lo, perguntou “Por que meu neto tem essas orelhas pretas?”, e eu disse “Porque em minha família há morenos, meu avô é preto. Isso vem da minha família. Minha filha é morena porque ela puxou ao lado da família da minha mãe”. Eles pensaram que ele era filho de outra pessoa porque nasceu com as orelhas pretas. Acho que ela estava acostumada com orelhas brancas, não sei (risos). Eu não entendi. A primeira coisa que ela disse no hospital quando viu meu filho, ela disse “Por que as orelhas dele são pretas?” Ela estava brava por causa de suas orelhas. Então ele [o parceiro dela] esperou por dois anos para registrá-lo. (Corina, 56)

Na situação de Corina, seu filho nasceu mais claro, mas as orelhas pretas indicavam que ele poderia ficar mais escuro que Corina ou seu parceiro. Em um esforço para manter as aparências de sua família, ele

131 Pitt-Rivers (1977).

132 Da Matta (1985), Gregg (2003).

133 Stepan (1991).

134 Rebhun (2002).

135 Ginetta Candelario (2007) explora a noção de ser “preto por trás dos ouvidos”, o que sugere que uma pessoa tem pistas de patrimônio negro na República Dominicana.

decidiu não reconhecer oficialmente o filho, o que estigmatizava tanto ela quanto o bebê. Corina expressou seu sentimento de alívio quando seu parceiro finalmente decidiu dar a ela um “nome digno” – ao casar com ela e reconhecer o filho. A suspeita por ter um bebê de pele clara com orelhas pretas ameaçou a respeitabilidade de Corina e comprometeu sua moral e seu *status* econômico. Dependente da validação masculina para recuperar a honra perdida, ela ficou grata quando seu parceiro decidiu casar com ela e restaurar a sua posição social.

A situação de Dona Elena quando seu neto nasceu envolvia uma suspeita sexual parecida:

A primeira coisa que as pessoas olham é a cor, para ver se o bebê se parece com alguém da família do pai. Esse aqui, a mãe dele (apontando para seu neto), ele nasceu muito, muito branco. E a família [do pai] disse “Ah, não, não é possível! Não é possível, esse menino aqui não é seu”. Mas assim que cresceu foi ficando mais e mais escuro. (Dona Elena, 68)

Quando um bebê nasce, as características são imediatamente avaliadas, e os traços raciais são uma fonte particular de suspeita. A experiência de Dona Elena sugere que, mesmo quando uma mulher dá à luz um bebê com a aparência tida como racial ou fenotipicamente desejável, a fidelidade sexual da mãe é assunto de análise se a criança não corresponder às expectativas. Consequentemente, as mães que estariam preparando suas casas para a chegada do bebê passam por estresse e angústia com relação às características raciais que não podem controlar. Isso não é meramente uma questão de estética: essas ansiedades refletem a interseccionalidade das expectativas racializadas e generificadas tanto nos recursos simbólicos (*status* moral) quanto nos materiais.

Roleta racial e rivalidade entre irmãos

A análise das práticas de socialização racial é frequentemente conduzida entre grupos e entre famílias, e raramente se levaram em consideração o favoritismo e o tratamento diferenciado dentro das famílias para fazer argumentos abrangentes sobre como a racialização afeta os sistemas familiares, processos e desigualdade. De acordo com o paradigma dos sistemas familiares, as reações emocionais diferenciadas de uma mãe para com um

filho podem ser aprendidas por outros membros familiares e afetam subsistemas dos irmãos, influenciando a “qualidade das interações, relações e ajustes entre irmãos”.¹³⁶ Embora os estudos que tratam sobre isso tenham abordado tipicamente o tratamento diferenciado com relação à idade, à ordem de nascimento e ao gênero, os processos de racialização também podem ser a base do tratamento diferenciado. O favoritismo paternal das crianças com base na aparência racial pode ser a fonte de uma tensão por toda a vida nas relações entre os irmãos.

Regane é uma menina precoce de 9 anos de idade com um sorriso radiante e personalidade efervescente. Quando lhe pergunto, ela se identifica como morena e, depois, afirma hesitantemente que é negra. Ao ouvir que sua mãe sonha em ter um bebê branco com cabelo liso, começa a ter uma série de mudanças comportamentais. Regane começa a negligenciar sua higiene, recusando-se a pentear ou lavar os cabelos. Como resposta, sua mãe a pune penteando fortemente seu cabelo do lado de fora de casa, exclamando alto que “eu espero que o cabelo do bebê não seja igual a isso!”.¹³⁷ Esse é um evento significativo, pois pesquisadores sugerem que as experiências de pentear o cabelo entre filhas e mães na diáspora “contribuem para a formação de aspectos duradouros de personalidade, gênero e formação do papel racial de uma garota jovem e para a autoconcepção e a autoestima”.¹³⁸ Regane já foi provocada pelas crianças da vizinhança por ter *cabelo duro*, e ela fica visivelmente envergonhada com essa situação. Os comentários constantes de sua mãe sobre o cabelo das mulheres brancas que aparecem na televisão fazem com que Regane fique ainda mais constrangida com seu cabelo, e isso aumenta seus sentimentos negativos.

Regane fica animada quando encontra um pedaço de pano laranja brilhante na casa. Em um ato de agência limitada e autoafirmação, ela prende o longo pedaço de pano laranja esfarrapado em volta de sua cabeça e finge que é seu cabelo longo e liso. Ela corre e sorri, rodopiando em pura felicidade enquanto se diverte com o pano laranja, que voa sobre seus ombros e a transporta para um mundo onde seu cabelo se move para lá e para cá e ela é linda. Sua alegria tem curta duração. Ela tem que correr dos meninos da vizinhança, que finalmente arranjam uma maneira de tomá-lo, e a provocação começa mais uma vez.

136 Volling (1997, p. 228), Stocker (1995).

137 Angela Jorge (1979, p. 194) afirma que os comentários negativos que as mães fazem sobre os cabelos das filhas podem ser uma experiência traumática com implicações ao longo da vida. Escrevendo sobre suas experiências em Porto Rico, ela menciona que ao pentear cabelos crespos ou afroteturizados, ouvem-se as mães dizendo: “Maldito sea este pelo!” (Maldito seja este cabelo!), ou “Dios mío, este pelo!” (Meu Deus, esse cabelo!), o que leva a sentimentos negativos.

138 Lewis, M. (1999).

Damiana, sua mãe, ri quando me conta que, ao ver a recém-nascida pela primeira vez, “Regane chorou o dia todo”. Considerando alguns estudos que enfatizam o tratamento diferenciado com base na idade, essa é uma reação bastante natural à incerteza da entrada de um novo irmão na família. No entanto, a entrevista com Regane deixa claro que suas preocupações rodeiam uma questão específica:

Elizabeth: O que aconteceu ontem? Como é ter uma irmã?

Regane: (pausa, olha para baixo) Eu corri pela casa e chorei o dia inteiro.

Elizabeth: Por que você chorou?

Regane: Porque eu tenho medo de perder o carinho dos meus pais. (choraminga)

Elizabeth: Por que você acha que isso vai acontecer?

Regane: (olha-me incrédula) Por causa da bebê! Você a viu, não viu? Ela nasceu limpinha e com o cabelo liso. Tenho medo que eles vão amá-la mais... Seu cabelo não vai dar muito trabalho pra eles... Todo mundo está dizendo isso. Ela vai ter tudo e eu não vou ter nada. (cobre seu rosto com as mãos e chora)

Mesmo sendo uma garota, Regane entende o valor das características raciais e como as leituras da sua cor de pele e textura do cabelo podem levar a uma mudança no tratamento afetivo que recebe. Sua referência à pele clara da bebê como *limpinha* mostra que ela também internalizou a confluência da branquitude com limpeza. O pior de tudo para ela é o cabelo da bebê ser liso, e, assim, não será considerado um problema. Embora a entrevista tenha sido feita depois do nascimento da bebê, Regane continua visivelmente abalada.

No mesmo dia da entrevista, o medo de ser comparada com a bebê é substanciado quando Regane escuta sua mãe concordar com um amigo da família, o qual diz que apesar de a bebê ter um nariz largo, “pelo menos o cabelo do bebê não saiu como o dela” (apontando para Regane e franzindo o cenho). Regane recusa-se a conversar e fica inconsolável por dias. Diante da angústia de Regane, entrevisto sua mãe, Damiana, que mais

uma vez expõe sua maneira peculiar de aliviar as ansiedades da filha: “Eu digo a ela, não se preocupe, ela [a bebê] vai ficar mais escura”. Mais do que assegurar a Regane que o amor que ela sente pela filha não irá mudar, Damiana faz uma afirmação ambígua, sugerindo que se a bebê não ficar mais escura, talvez Regane precise se preocupar.

Semanas depois do nascimento, Regane ressent-se da bebê e monitora obsessivamente qualquer mudança na cor da pele ou na textura do cabelo da irmã. Damiana ri enquanto me conta que Regane parece chateada porque não está percebendo nenhuma mudança nas características raciais da bebê, mas, para Regane, isso não é motivo de risadas. Os ecos de várias influências, incluindo os desejos racializados de sua mãe para a nova bebê, a ênfase da mãe sobre o próprio cabelo liso bonito, os insultos das crianças da vizinhança e as imagens de gente bonita nas ruas, nas revistas e na televisão são forças poderosas contra as tentativas de Regane de construir o próprio sentimento de *self*. A ideia de que sua irmã mais nova possa se aproximar da aparência branca idealizada, que para ela é inatingível, é assustadora, é fonte de ansiedade para seus 9 anos de idade. Apesar desses medos, durante várias semanas testemunhei Regane segurando sua irmã e olhando para ela de um jeito amoroso. Ela lhe faz cócegas, lhe dá apelidos carinhosos e murmura para ela como uma adorável irmã mais velha. Esses são os laços que a levam a me contar sobre o ritual de apertar o nariz da bebê, que ela entende como perigoso. Dessas maneiras, a relação de Regane com a bebê representa os “elos tenros e tensos” dos relacionamentos familiares.¹³⁹

Inicialmente Regane teme que o carinho que recebe de seus pais possa mudar por conta da sua cor de pele e da textura de seu cabelo. É muito cedo para dizermos se o que ela sente será materializado. Infelizmente, a família muda-se para o Rio de Janeiro poucos meses depois do nascimento da bebê para ficar mais próxima da família de lá, de modo que não tive mais como acompanhar os desdobramentos. No entanto, as diferenças fenotípicas entre irmãos permanecem em outras famílias, e alguns afro-brasileiros percebem a distribuição de afeto como desigual.

Essas experiências de tratamento desigual ou níveis diferenciados de carinho não ficam limitadas à tenra infância e podem se estender pela adolescência, quando a aparência racial de uma criança continua a ser um símbolo de *status* para uma mãe e um pai. Informações de que uma pesquisadora norte-americana está estudando as famílias correm rápido, e Juliana, uma mãe branca de 52 anos de idade, insiste que sua família deve ser incluída no estudo. Já tinha conversado com Juliana anteriormente, quando ela me disse

139 Stoler (2001, p. 864).

que era casada e tinha duas filhas. Ela fica animada por ter me encontrado novamente naquele dia e me leva até um grupo de garotas para ansiosamente me apresentar à sua filha adolescente Adrielle. Enquanto elogia a pele e os olhos claros de Adrielle, incentiva-me a acariciar o cabelo de sua filha: “Vá, toque em seus cabelos!”. Eu sorrio, mas me sinto muito desconfortável com o pedido estranho. Juliana conta-me a idade de Adrielle, seu ano na escola e seus passatempos. Ela continua sorrindo largamente e se vangloriando: “Ela nem sequer parece brasileira, não é?”. Considero a ostentação incomum, mas continuo ouvindo a adulação da mãe.

Entre o grupo está uma adolescente de pele marrom e cabelos ondulados, com a cabeça baixa e as mãos cruzadas sobre o peito. Embora a proximidade entre ela e Juliana e Adrielle sugerisse que se conheciam, a menina é completamente ignorada. No final de nossa conversa, enquanto me afasto, volto para perguntar quem é a moça, e Juliana responde indiferentemente com um aceno de desdém: “Oh, ela, ela é minha outra filha”. O tratamento marcadamente diferente para com as duas meninas exemplifica a ideia de que “coisas bonitas [...] raramente são chamadas de bonitas, mas [...] demonstra-se que elas são bonitas pela centralidade nos cuidados que recebem”.¹⁴⁰ O valor da outra filha de Juliana é claramente articulado como inferior; mesmo sem palavras, o aceno de mão desdenhoso reforça seu *status* desvalorizado na família.

Às vezes é difícil dissociar beleza e raça, e entendo que elas não devem ser separadas porque atuam conjuntamente para influenciar as interações afetivas que se desenvolvem dentro das famílias. Considerada como diferente, Adrielle é valorizada porque é bonita, e é bonita porque é branca. As referências à falta de uma aparência brasileira autêntica em Adrielle refletem as maneiras pelas quais hierarquias tanto raciais como nacionais privilegiam a branquitude. Ela é bonita por ser tão clara que não parece brasileira (não branca).

Mesmo que tenham irmãos ou primos, os grupos de referência para as garotas jovens normalmente não são os homens, mas outras garotas ou parentes do sexo feminino.¹⁴¹ No entanto, os homens também estão sujeitos a avaliações estéticas e podem ter tratamento diferenciado. Lilha comenta sobre a melhor amiga da mãe, que tem claras preferências entre seus filhos:

140 Nuttall (2006, p. 29). Nuttall cita Denis Donoghue (2003).

141 As teorias da comparação social sugerem que as pessoas são mais propensas a comparar-se com outros semelhantes, embora haja alguma agência na determinação de quem são esses outros semelhantes. As mulheres se veem de maneira complexa, como colaboradoras, concorrentes e avaliadoras. Ver Rosenberg (1986).

Lilza: O filho dela [de Jani] nasceu com olhos verdes e a pele clara, e então esse filho, meu Deus, era aquele que ela mais gostava. Todos os meninos [de Jani] nasceram com os olhos claros. Ele era aquele que ela valorizava. Então, você tem até isso.

Elizabeth: De que maneira, o que você quer dizer?

Lilza: Em tudo, mesmo o jeito com que eles foram tratados era diferente. Ela dizia que ele era o mais bonito, em tudo que ela dissesse. Sim, sim.

Dilson (marido de Lilza): O carinho, sim, cuida melhor do outro.

Lilza: E agora o filho dela está saindo com uma mulher negra. Ela ficou revoltada com isso. E mesmo a sua filha está com um homem negro e seu neto é negro. Então ela diz “Não, ele não é negro, ele é moreno. Ele é moreno. Ele é moreno e bonito”, cabo-verde, certo (risos), e por aí vai. Então sim, tem muito preconceito.

Isso não é apenas uma questão de favoritismo. Nesse caso, a afeição e o nível de cuidado de Jani são claramente influenciados pela aparência racial e pela atratividade relativa da cor de pele clara e dos olhos claros de seu filho. Mais ainda, o sentimento racial negativo dela em relação aos traços negros faz com que ela se recuse a chamar o neto de negro e, como alternativa, use o termo *moreno*, incentivando os outros a fazer o mesmo, como uma estratégia para restaurar o *status* do rapaz. Até o termo *moreno* não é suficiente: Jani sente-se compelida a qualificar o termo ao se referir ao neto como *moreno bonito*. Dessa forma, a avó pode ter orgulho do neto, mas somente depois de negociar sua racialização e de colocá-lo em uma categoria na qual não é considerado negro. Embora seja difícil explicar apenas a partir dessa citação, quando Lilza usa o termo *cabo-verde* – um descritivo fenotípico para uma pessoa de ascendência africana de pele escura, cabelos lisos naturais e olhos verdes – ela o faz zombeteiramente, mostrando sua irritação com as tentativas das pessoas de ressignificarem o termo negro.

Embora a criança seja um menino, essas distinções fenotípicas são importantes para a avó, que ficou decepcionada porque seus filhos – que entram em categorias de raças mistas – desperdiçaram seus capitais fenotípicos

para se casarem com pretos. Ela entende os casamentos dos filhos com pretos como um ato que desfaz o seu trabalho de clarear a família ao se casar com o pai deles.

Dilson, o marido de Lilza, encara o tratamento diferenciado como perturbador, mas tenta racionalizar o comportamento de Jani:

Eu acho que é inconsciente, uma mãe não vai tratar um filho de maneira que não seja igual aos outros... você sabe, deliberadamente, mas eu acho que é uma coisa que vem de dentro dela. Eu não acho que é deliberado.

Dilson recusa-se a acreditar que ela intencionalmente cuida de seu filho de pele clara de modo diferente dos outros filhos. A única maneira que encontra para entender a relação é sugerir que ela tem um comprometimento psicológico ou um problema que “vem de dentro dela”. Ele acredita na ideia sagrada de *amor só de mãe* e, como resultado, está convencido de que as mães são incapazes de se envolverem intencionalmente em tratamentos diferenciados. Mas algumas mães e membros familiares tratam as crianças diferentemente e, quando assim o fazem, estão reagindo não a caprichos individuais, mas a uma hierarquia racial mais abrangente que claramente deprecia a proximidade com a negritude em um nível ideológico e premia a proximidade com a branquitude em um nível material e simbólico.

Ela tem o meu (fenó)tipo! Barganhas raciais e amor romântico

Apesar da reputação global do Brasil por sua miscigenação racial, pesquisas sugerem que os relacionamentos inter-raciais no Brasil não são predominantes, ao contrário do que se poderia esperar. Apenas 30% dos casamentos – incluindo tanto os informais quanto os formais – ocorrem entre categorias de cor.¹⁴² De acordo com essas estatísticas, a grande maioria dos brasileiros casados está em uma relação com alguém da mesma categoria de cor. Os níveis de relacionamentos inter-raciais são ainda menores se os pardos e negros forem agregados na categoria de negro.

Durante o tempo em que estive em Salvador, a questão do amor romântico e dos pares sexuais foi o tema sobre o qual homens e mulheres afro-brasileiros falaram com mais paixão, convicção e relativa facilidade.

142 Ribeiro e Silva (2009), Petrucci (2001), Goldstein (1999).

Muitas vezes introduziam o assunto antes que eu tivesse a chance de abordá-lo. Para me ajudar a entender o papel do fenótipo em relacionamentos românticos, Thiago, de 34 anos, que se identifica como preto e negro, decide explicar o que aconteceria se trouxesse uma mulher que se parecesse comigo (uma mulher de pele escura com traços africanos) para a sua casa.

Thiago: Se eu a levasse para conhecer a minha família, eles diriam “eu não gostei dela”. Se eu perguntasse o porquê, eles diriam “sem motivo”, mas é uma mentira. É porque você é negra, com o cabelo como o meu. Você não tem nada para oferecer (risos). Você não tem nada para me oferecer. Você tem que ter algo para oferecer. Ou você precisa ter uma boa aparência para que você possa ser mais... mais... mais bem vista pela família ou... Eles não estão olhando para a parte humana, a parte sobre o amor e carinho ou o fato de que a pessoa quer começar uma família com você.

Elizabeth: Se eu fosse rica, seria diferente?

Thiago: Seria diferente. Nesse caso, você seria capaz de ajudar, então eles tentariam conquistar você. Mesmo se eles não tivessem dinheiro algum, eles diriam “Oh, ela está vindo para nossa casa”. Eles sairiam e comprariam uma pizza ou um peixe, mesmo sem dinheiro para pagar a conta de luz que está prestes a ser cortada, mas eles fariam um banquete para você... querendo conhecer mais sobre sua vida: Onde você mora? Nos Estados Unidos? (ele cobre a boca, fingindo surpresa, como a sua família faria assim que soubesse dessa informação). Porque, se você tem dinheiro, eles dirão “Uau, gostei dela”. Uma vez que você conta onde trabalha e quanto você tem, as pessoas começam a te pedir coisas como se você tivesse obrigação (risos).

Uma análise deste exemplo revela que, em algumas famílias, pretas ou mulheres negras com cabelos afrottexturizados e características africanas não são consideradas parceiras casáveis, a menos que possam compensar com outras características, como a americanidade ou a riqueza. A resposta de Thiago à minha questão sobre *status* de classe ilustra a complexidade das

barganhas raciais, de gênero e classe. Em última instância, em uma sociedade patriarcal, o valor da mulher é fortemente determinado pela aparência, o que explica a preocupação com a aparência neste estudo. Dada a sua posição depreciada, as pretas devem oferecer outras evidências de seu valor, porque, caso contrário, são percebidas em algumas famílias como não “tendo nada para oferecer”. O exemplo de Thiago mostra como a racialização é uma preocupação não apenas para as relações inter-raciais entre pretos e brancos, mas também para as relações entre pessoas que se identificam como negras. Dadas as estatísticas sobre a proporção de relacionamentos inter-raciais, é importante compreender como a racialização funciona no desenvolvimento das trocas sociais, tanto nas relações intrarraciais como nas inter-raciais. Isso não significa que todas as relações podem ser entendidas como o produto de cálculos ou trocas, mas que todos tomam decisões dentro de um contexto social no qual esses cálculos são esperados e têm consequências.

Algumas das trocas sociais que ocorrem dentro do contexto de um relacionamento inter-racial são negociações complicadas envolvendo o intercâmbio de beleza e branquitude por lealdade.¹⁴³ No exemplo a seguir, um parceiro negro oferece seu amor incondicional para sua parceira branca, mesmo depois de descobrir que ela o traiu e teve um filho com outro homem. Sua filha conta a história:

Por anos achei que meu pai era um idiota. Ele viveu com ela como se fosse o escravo dela por anos. Mas ele não queria se separar dela. Ele estava tão apaixonado por ela. Ela era branca com um cabelo preto muito comprido. Ele estava muito apaixonado. E meus irmãos, nenhum deles é casado com mulheres negras. Apesar de serem infelizes e reclamarem de suas vidas, pelo menos ela é branca. (Liliane, 48 anos)

A sugestão de Liliane de que seu pai era escravo de sua mãe oferece uma metáfora persuasiva sobre como a beleza pode ser trocada por “maior diligência, devoção, *status* de classe e outros benefícios providos pelo esposo negro”.¹⁴⁴ A preferência de seu pai por mulheres brancas também influenciou seus filhos, que, segundo Liliane, aceitaram ser maltratados e infelizes em troca do *status* de serem casados com uma mulher branca.

143 Burdick (1998), Telles (2004).

144 Telles (2004, p. 231).

Diferentemente dos homens negros, os quais podem se apoiar no *status* econômico como um bem a ser trocado no mercado matrimonial, as mulheres negras, particularmente as de pele escura, têm muito menos capital simbólico ou econômico disponível. Dado o funcionamento do patriarcado e do racismo, elas têm menos opções para o casamento ou para o compromisso; em vez disso, são vistas como parceiras sexuais ideais devido a estereótipos racistas sobre seus “impulsos sexuais primitivos”.¹⁴⁵ Nas áreas turísticas de Salvador, como o Pelourinho, é bastante comum observar mulheres afro-brasileiras de pele muito escura com homens europeus brancos. Márcio explica este fenômeno afirmando: “Para mulheres negras, para terem uma oportunidade, devem estar com um estrangeiro. Os estrangeiros adoram mulheres negras”. Nessas relações, a atratividade e a negritude da mulher negra podem estar atreladas a serem vistas como um outro exótico. Esses tipos de relacionamento na Bahia podem ser casuais ou duradouros, mas raramente levam ao casamento.¹⁴⁶

As mulheres não são as únicas parceiras a serem julgadas pelas características fenotípicas. Insultos sutis evidenciam como os processos de racialização moldam avaliações de relacionamentos românticos também para os homens. Consideremos a conversa seguinte entre Vânia e seu namorado Paulo:

Vânia: O lado da família da minha mãe é racista. Minha mãe não é porque ela é casada com um homem negro, certo? Mas eles [os membros familiares do lado da mãe] são preconceituosos. Por exemplo, eles não queriam que minha mãe se casasse com meu pai porque ele é negro.

Paulo: Ela [Vânia] foi me apresentar para a avó dela e eu senti isso.

Vânia: Eu não disse a ele nada sobre isso. Eu não tinha dito nada. Mas você sabe, quando minha avó viu as fotos dele, ela disse que ele é um moreno bonito, bonitinho. Bem, se ele fosse branco, ela teria dito “uau, ele é lindo!”.

145 Adelman e Ruggi (2008, p. 560).

146 Erica Williams (2013) sugere que as mulheres negras envolvidas no turismo sexual não devem ser vistas como vítimas unidimensionais. Com foco na agência, Williams examina a variedade de relacionamentos e arranjos que moldam os “enredos” sexuais entre mulheres, principalmente baianas negras e turistas europeus brancos. Algumas mulheres negras podem querer casamento, enquanto outras expressam sua preferência por relacionamentos de curto prazo, mensais ou mesmo de uma semana.

Paulo: [Ela teria dito] Que homem lindo!

Vânia: Mas ela não disse “que homem negro bonito” ou “que moreno bonito”.

Paulo: Mas ela disse “ele é bonitinho”. É sempre no diminutivo. Você é sempre menos.

Vânia: Eu gosto muito da minha avó e da minha madrinha.

Paulo: Olhe, eu também gosto da sua avó, mas ela é racista de verdade (eles riem nervosamente).

Vânia percebe como as interações entre o namorado e sua família claramente ilustram que a família dela o vê como menos ideal do que um parceiro branco e, talvez, como menos no geral. Um sentimento indescritível, uma sensação de que algo está errado dá o primeiro indício de que ele está sendo avaliado de forma diferente.

Tanto Vânia quanto Paulo estão cientes de como as estratégias discursivas funcionam no Brasil. Reconhecem como o uso do diminutivo e leves mudanças nas palavras estão ligados a diferenças significativas de significado.¹⁴⁷ Mas a ambivalência de Vânia em criticar sua família é aparente quando, logo depois de falar do preconceito racial de sua avó, afirma que “realmente gosta” de sua avó. É Paulo quem distingue que independentemente do amor que ela sente pela avó, a verdade, como Paulo observa, é que esta é racista. Eles riem em concordância, e, ainda que o humor ajude a aliviar a tensão, a conversa termina de maneira ambígua.

Pesquisadores demonstraram que as emoções, particularmente as de afeto negativo, podem ser usadas para controlar as ações dos membros familiares.¹⁴⁸ A reação da família de Liliane ao seu namorado é de desgosto: “Para eles, ele era feio, ele era preto”. Da mesma forma, na família de Márcio, assim como em outras, há um consenso geral de que o parceiro ideal deve ser alguém que não atenda a três pontos: “preto, pobre e feio”. Embora sejam características definidas como independentes por muitas famílias, os termos são entendidos basicamente como sinônimos. Uma construção similar tem sido usada nos Estados Unidos, onde um membro da

147 Sansone (2003).

148 Peterson e Leigh (1990), Henry (1994).

família pode ser advertido para não casar com uma pessoa de pele escura que é “*blackandugly*” (preto-e-feio), como se essas qualidades estivessem ligadas inextricavelmente ou fossem sinônimas.¹⁴⁹

Semelhantemente, Ivone relata:

Na minha família, a maioria das pessoas são negras. Disseram-me que eu não poderia sair com um negro, eu tinha que sair com um branquinho. Mas eu me apaixonei pelo meu namorado, e ele é negro. Ele é lindo e ele é preto. Cheguei em casa e o apresentei para minha mãe e minha avó. Minha mãe o adorou. Não foi ela, mas foi a minha tia mais velha que disse “ok” com um olhar de desgosto. Ela esperou que ele saísse e então disse “Oh, Ivone, você deixou o leite para ficar com café com leite?”. Então eu disse “Sim, porque eu descobri que café com leite é muito melhor que leite puro”. Sua resposta foi “Você é uma desgraça”. E eu disse “Uma desgraça é uma pessoa que não percebe que não é a cor ou o trabalho de uma pessoa que importam, é quem essa pessoa realmente é”. (Ivone, 23)

Apesar de fazer parte de uma família em que “a maioria das pessoas são pretas”, Ivone foi socializada para evitar parceiros negros, pois ela é muito clara e tem cabelos longos ondulados. A retaliação que recebe não é verbalizada pela mãe, mas vem de sua tia, que está desapontada com a decisão. Ivone é chamada de desgraça não apenas por não concordar com essas visões racistas, mas porque articula um forte contra-argumento que evoca a sexualidade negra masculina. Embora a declaração de Ivone desafie fortemente a desaprovação de sua tia com relação a seu parceiro, a fala está sustentada em estereótipos da sexualidade masculina negra. A mãe de Ivone fica em silêncio durante a conversa, o que deixa sua posição sobre o assunto ambígua. Seu pai é completamente ausente dessas discussões, uma vez que elas ocorrem no âmbito da conversa das mulheres.

Além de minar diretamente os relacionamentos fazendo comentários explícitos, os membros da família também demonstram desaprovação e reforçam o estigma racial de maneiras mais sutis. De modo mais surpreendente, Lilza ri da ironia de que “*até nas orações*” as distinções de classe e raça são evidentes. Ela descreve suas duas sobrinhas negras, Maiara e Sueide, irmãs

149 Wilder e Cain (2010, p. 585).

que namoram homens de diferentes *backgrounds*. Lilza relata que o namorado de Maiara está estudando medicina e, quando eles vão para a igreja, os membros familiares oram “que o casamento deles dê certo”. Contrariamente, o namorado de Sueide é descrito pela família como “um zé-ninguém”; então, na igreja, eles oram “que Deus veja aí o que é melhor”. Este não é simplesmente um comentário sobre classe. O namorado de Sueide é “um ninguém” tanto por ser negro como por ter uma profissão de *status* mais baixo. Se ele fosse branco e estivesse na Faculdade de Medicina, ou então simplesmente branco, ela sugestia, a oração poderia ser bem diferente. Lilza ri e continua a explicação: “A apresentação do negro sempre vai ser mais difícil quando ele chega só... Quando ele não é ninguém e quando ser negro é difícil”.

Lilza explica que as preocupações sobre os relacionamentos não apenas afetam suas sobrinhas, mas moldam a maneira como sua família reage ao seu casamento com Dilson, um segurança de 32 anos que está entre as pessoas de pele mais escura que entrevistei em Salvador. Dilson tem um nariz largo e lábios finos, mantém os cabelos cortados de forma tão rente que parece quase careca e tem uma ligeira abertura entre seus dentes da frente. Embora seus pais, Dona Lara e seu falecido marido, sejam de pele escura com traços africanos, Dilson é muito mais escuro que os dois.

Após o casamento recente de Dilson e Lilza, Dona Lara decidiu se mudar para junto dos recém-casados para ajudar a família. Ela ficou viúva recentemente, então o casamento do filho veio em um momento oportuno. Os recém-casados ajudam-na em seu luto, e, em troca, ela os ajuda um pouco com a casa, cozinhando e limpando. Seu filho e sua nora se dão bem com ela e desfrutam da ajuda que lhes oferece. Lilza às vezes trabalha 10 horas por dia, e, como segurança, Dilson tem longas, muitas vezes imprevisíveis, horas de trabalho. Dona Lara acolhe com prazer a oportunidade de ajudar seu filho trabalhador e sua nora na casa próxima à praia, enquanto também antecipa a eventual chegada de um neto.

Por conta de Dilson e Lilza estarem entre os poucos casais que se identificam como fazendo parte de uma relação inter-racial, fico cada vez mais curiosa sobre como a racialização de ambos molda suas experiências. Para todos os padrões, Lilza é considerada um bom partido por ser bem-educada, ter um diploma de graduação e ser amável – gente boa. Vista de uma perspectiva racial, é considerada a mulher ideal: de pele clara com olhos azuis e cabelos castanhos claros com mechas loiras. Ela é muitas vezes vista como branca e é considerada muito atraente. De fato, Lilza revela-me em um momento que uma amiga tomou um susto ao ouvir que sua mãe é negra. Ela não acreditava. Dilson, por outro lado, não poderia

ser considerado convencionalmente atraente. Muitos o considerariam um homem feio simplesmente porque é preto.

Dadas essas dinâmicas, pergunto a Lilza como sua mãe reagiu ao seu casamento. Ela afirma que a mãe não teve problemas com o relacionamento, mas que os comentários de sua família estendida são frequentemente uma fonte de discórdia:

Lilza: Quando me casei, várias pessoas diziam como, eles diziam que por ser branca eu merecia algo melhor. Eles diziam isso principalmente para a minha mãe: “Como você vai deixar ela – como você pôde deixar ela?”. E minha mãe vinha e me contava. E eu dizia “Pergunte a ela se ela quer que eu case com um homem branco... um desavergonhado, bêbado, como o marido dela”. Ela nunca disse nada para mim, ela dizia para a minha mãe, e minha mãe me contava tudo. Ela dizia assim: “Mas se pelo menos ele fosse um médico ou advogado!”(risos).

Dona Lara: Compensando por ser preto! (risos).

Dilson: Preto, mas... (a voz diminui; risos).

Por meio dessa conversa, fica claro que os parentes e amigos próximos, que são de consideração, dependem das mães como intermediárias para alcançarem pelo menos dois objetivos: policiar as fronteiras raciais e garantir que os membros da família estejam conscientes de como seus descendentes devem exercer seu capital racial incorporado no mercado matrimonial. Os comentários filtrados pela mãe de Lilza sugerem que seria um grave erro ela se casar com Dilson, porque assim estaria desperdiçando seu capital fenotípico quando poderia conseguir “algo melhor”. A apreensão deles é por ela ter potencial para usar sua branquitude para “trocar” em vez de casar com um parceiro negro de *status* inferior. Embora a noção de mercado matrimonial, comércio e intercâmbio social seja sugestiva de uma troca impessoal de mercadorias, o discurso sobre a necessidade dos membros da família de “compensar” com sua profissão demonstra como os relacionamentos são encarados como barganhas raciais.

A risada deles acrescenta um elemento curioso à conversa, pois chega em resposta a alguns dos elementos mais ofensivos da narrativa. Essa “estética emocional” é uma maneira de a família criticar seus membros,

mas com boas maneiras e cordialidade.¹⁵⁰ Tanto Dona Lara como Dilson entendem muito bem que este é considerado um parceiro indesejável a menos que sua negritude possa ser neutralizada ou compensada por alguma qualidade ou *status* adicional. Consistentes com a análise de Dilson e Dona Lara, pesquisadores argumentam que a branquitude é usada como uma mercadoria valiosa ou um capital simbólico que pode ser trocado por amor, fidelidade ou segurança econômica.¹⁵¹ Como ilustram os comentários de Thiago sobre mulheres de pele escura ou pretas, aquelas cujos corpos não se conformam às hierarquias estéticas racistas têm muito menos capital simbólico para trocar numa sociedade patriarcal e racializada. Por essa razão, neste estudo os intercâmbios inter-raciais românticos de longo prazo são muitas vezes enquadrados e criticados pelos entrevistados como ocorrendo principalmente entre negros ricos e mulheres brancas de qualquer *status* de classe.

Sonia, criticando a sobrevalorização da branquitude nos relacionamentos românticos, explica:

Assim, hoje você vê um grande homem de negócios que é negro. Ele não vai se casar com uma negra. Ele vai se casar com uma mulher branca. E por que uma mulher branca iria se casar com ele? Porque é óbvio, ele tem dinheiro e ele é dono de um negócio, porque se ele fosse preto sem dinheiro ela não iria se casar com ele. Ela? Ela é linda, loira, branca, você pensa que ela vai se casar com ele? Eu penso, em situações assim, que não é amor. E ele, ele é preconceituoso contra si mesmo. Ela, bem, não é que ela não seja preconceituosa. Eu acho que é muito raro para uma mulher branca se apaixonar por um homem negro. Acontece, sim, com muitos, mas é raro, mas principalmente se ele tiver dinheiro. Porque hoje em dia o dinheiro realmente conta, certo?

Tanto as mulheres quanto os homens que foram entrevistados citaram relações inter-raciais entre homens negros ricos e mulheres loiras como exemplos de racismo, repudiando essas relações românticas como

150 Em sua etnografia de uma favela no Rio, Goldstein (2013, p. 45) usa o termo *estética emocional* para descrever a forma como as mulheres pobres usam humor negro para discutir a dura realidade, incluindo estupro, abuso e morte infantil.

151 Telles (2004).

negociações superficiais de *status* econômico e branquitude. Raramente mencionam como negociações semelhantes de fenótipo e *status* acontecem dentro de relacionamentos intrarraciais. Alberto, como a maioria dos entrevistados neste estudo, expressa ceticismo sobre essas relações:

Às vezes eles realmente se sentem atraídos um pelo outro. Às vezes eles não estão olhando nem mesmo para a cor. Às vezes há química, e eles acabam se envolvendo um com o outro. Há química entre um homem e uma mulher. Você sabe, os opostos se atraem, e é isso. Ou pode ser até mesmo coincidência. Mas muitas vezes acho que é por status. Como se uma mulher branca representasse status. (Alberto, 48, zelador)

Narrativas ou experiências relacionadas a casamentos envolvendo mulheres negras e homens brancos são particularmente raras. Considerando as pesquisas que sugerem que as mulheres trocam sua beleza por *status*, a localização das mulheres negras na hierarquia estética imediatamente reduz suas chances no mercado, a menos que sejam consideradas excepcionalmente bonitas.¹⁵²

O caso de Márcia e Daniel representa um exemplo de como essas negociações se desenvolvem em um casal muitas vezes considerado inter-racial. Márcia é uma mulher de pele escura com traços africanos que alisa quimicamente o cabelo e está acima do peso. Ela é casada com um homem de pele muito clara, Daniel, que também está acima do peso e se identifica racialmente como negro. Ele reclama que a maioria das pessoas o considera branco. Eles são 1 de apenas 4 casais que conheci em que a esposa é significativamente mais escura que o marido. Daniel carinhosamente chama a esposa de negona e tem orgulho das conquistas de Márcia, muitas vezes se gabando de sua educação e credenciais, que incluem duas graduações universitárias em tecnologia e história. Daniel levou-me ao trabalho de Márcia, e, assim, pude ver seu belo escritório, seu computador e os certificados colocados na parede. Entretanto, Daniel trabalha como zelador e admite ao longo de nossas entrevistas que já teve e continua tendo casos sexuais com outras mulheres. O caso de Márcia e Daniel pode ser um exemplo de como a branquitude pode ser trocada por devoção e licença para se envolver nesses tipos de relações extraconjugais. Contudo, mais evidências devem ser coletadas para determinar em que medida isso ocorre mais amplamente nas famílias.

152 Burdick (1998), Hunter (2013), Hill (2004).

Gabriela, irmã negra de Cecília, acredita que pode se envolver em trocas românticas com base em sua beleza excepcional, mas acaba se desapontando:

Tenho uma irmã que é negra. Ela foi trabalhar em uma loja onde foi contratada no local. O proprietário dessa loja gostava dela, mas ela lhe disse que estava interessada apenas na experiência. Ele era um homem negro e tinha uma cor bonita. Mas ela também era bonita, um rosto muito, digo, muito, muito bonito, você deveria ver. Para crescer em sua carreira, ela dependia dele. Ele se apaixonou por ela. Ele era preto, então aquilo foi o fim. Ela acabou encontrando um gerente de uma de suas lojas, que tinha minha cor, nem isso. Ele não era branco... Ela o escolheu por causa da cor. Tenho certeza disso. Ela nem precisou dizer. Ela teve namorados que eram gerentes de bancos. Por que ela o escolheu? Não era paixão. Agora ela está sofrendo. Ela era virgem quando o conheceu, acabou engravidando e descobriu que ele já era casado. Agora está gorda e não pode se dar ao luxo de entrar em forma. Acho que a pior coisa no mundo para uma pessoa é a dor do arrependimento. (Cecília, 37)

Nesse caso, Gabriela poderia ter trocado sua aparência atraente por uma relação com o afortunado proprietário negro de várias lojas. Ao invés disso, procurou o gerente mais claro, porém de menor *status*, que apreciou ter uma relação sexual com ela. Quando descobriu que tinha perdido a virgindade com um homem casado e que ficou grávida deste, ela ficou devastada. A gravidez resultou na perda tanto de sua reputação moral quanto de seu *status*.¹⁵³ Sua beleza poderia ter sido trocada por *status*, mas, de acordo com sua irmã, ela foi manipulada e perdeu ambos. Agora que “está gorda e não pode se dar ao luxo de entrar em forma”, a probabilidade de ela trocar sua boa aparência diminuiu significativamente em uma sociedade que supervaloriza a beleza como o primeiro capital das mulheres.

A pesquisa recente de Chinyere Osuji sobre parceiros negros em relações inter-raciais tradicionais no Rio de Janeiro apresenta resultados que apontam para a relevância dos processos de racialização em relacionamen-

153 Gregg (2003).

tos românticos. Ela sugere que parceiros negros podem ser bem recebidos em uma família, mas essa aceitação pode demandar alguma negociação. Uma de suas entrevistadas relatou que foi aceita pela família branca de seu parceiro, mas “eles não queriam me ver como negra, porque acham que negros são feios”.¹⁵⁴ Em vez de total rejeição ou aceitação, há um processo de negociação pelo qual a família branca reformula a identidade racial da parceira negra para que esta possa ser aceitável para eles. Portanto, mesmo um processo de negociação que leva à aceitação é estruturado pela racialização baseada em uma crença na inferioridade negra.

Por todas essas razões, estou interessada em conhecer mais sobre o relacionamento de Dilson e Lilza e saber se há indícios de uma troca social semelhante. Embora tenha passado algum tempo com a família Barán, cochilando em sua rede, compartilhando refeições e entrevistando vários membros da família, Dilson era extraordinariamente quieto e distante. Em nossa conversa, pergunto-lhe sobre suas experiências e opiniões sobre as relações inter-raciais. Enquanto fala, ele evita o contato visual comigo:

Aqui no Brasil, você sente aquela imagem de um homem negro que quer uma parceira tão branca quanto possível. Aí então ele casa com uma mulher branca ou algo assim. E então isso vem de negros mais radicais realmente, uma pessoa negra racista em relação aos brancos: “Você se casou com uma mulher branca? Você é negro. Você deveria se casar com uma mulher negra”. Isso vem de uma pessoa mais radical. Sabe? E então há outros que têm uma visão diferente por causa dos jogadores de futebol. Eles te perguntam: “Você acha que é como os jogadores de futebol se casando com uma loira?”. Mas você pode ver que por trás desse comentário está uma ideia realmente racista. Que você não está valorizando ou procurando uma pessoa boa de quem você goste, você está procurando uma pessoa com uma cor de pele diferente da sua. É uma maneira de se autodiscriminar, ou é um caminho para a pessoa branca que não tem uma chance de mobilidade. Não é realmente porque eles gostam da pessoa, mas é porque eles querem tomar o lugar daquela pessoa negra.

154 Osuji (2014, p. 110).

Na opinião de Dilson, os negros radicais, racistas, são aqueles que interrogam outros negros sobre suas escolhas por parceiros não negros. De fato, considerando que as relações românticas entre pessoas negras têm sido enquadradas como um atraso para a civilização e modernidade do Brasil, o movimento negro incentiva o “amor negro” para reforçar a afirmação racial e criticar o branqueamento.¹⁵⁵ Ao mesmo tempo que Dilson critica os negros “radicais”, ele também sente que há alguma verdade na preocupação com casamentos que ocorrem por interesse ao invés de amor. Considero particularmente interessante sua crença de que uma pessoa branca pode se casar com uma pessoa negra como forma de tomar o lugar da pessoa negra. Isto é, uma pessoa branca malsucedida na sociedade pode usar sua branquitude para se casar com alguém negro e bem-sucedido. Esse tipo de transação é concebível apenas porque a branquitude é vista como capital simbólico.

Tendo se formado em uma faculdade, Lilza é uma das pessoas com maior grau de escolarização que entrevistei nesta pesquisa e exala confiança tanto sobre suas decisões na vida quanto sobre seu futuro. Ela e Dilson têm discutido a ideia de ter filhos e estão atualmente fazendo cálculos para decidir o momento. Embora esperasse que Dilson falasse mais, já que a conversa estava deixando de ser sobre Lilza para ser mais diretamente sobre os dois, ele permanece relativamente quieto sobre a questão. No entanto, Lilza revela:

Então, sim, há muito preconceito como esse. Eu sei que meu filho vai nascer negro, e muitas pessoas vão pensar que ele é adotado. Eles vão dizer isso, e eu terei que dizer a eles: “Ele é lindo sendo negro”. Fim. É isso. Entende? Ele tem que ter orgulho de sua cor. É uma linda cor. É o tipo de cor que você não precisa sentar sob o sol o dia inteiro usando todo aquele protetor solar. Você me entende? Ele vai ser como ele (ela se inclina em direção ao marido). Uma cor linda. Agora, aquela questão sobre ser feio e ser bonito e coisas assim. É uma coisa que, bem, quem dita isso?

155 A ideia de namorar e amar outras pessoas negras foi promovida pelo movimento negro. No entanto, tive numerosas conversas com mulheres negras no movimento que ficaram frustradas pelo fato de que muitos homens negros no movimento que incentivavam a ideia sempre namoravam ou se casaram com mulheres brancas ou de pele muito clara.

Este comentário sugere que Lilza já está se preparando para possíveis encontros com transeuntes que podem fazer julgamentos ou aplicar estereótipos racistas na futura criança. Ela não só decidiu que sua criança será negra, mas também já está se preparando para incentivar sua autoestima racial e para combater as influências dos vizinhos. Na sua cabeça, sua criança será negra e bonita, não bonita apesar de ser negra.¹⁵⁶

Considerações diaspóricas e globais

As interações afetivas, barganhas e rituais raciais que apresento neste capítulo ressoam os estudos de famílias de cor por toda a diáspora africana. Neste capítulo, trouxe apenas alguns poucos exemplos de conexões diaspóricas; há muito mais a ser dito sobre como a “rede das identidades diaspóricas” une essas comunidades.¹⁵⁷

Atravessando as fronteiras da linguagem e cultura, o compromisso para *limpar a raça* que tem sido visto no Brasil aparece nos desejos de *adelantar* ou *limpiar la raza* (avançar ou limpar a raça) na América Latina hispânica.¹⁵⁸ Essas ideologias têm consequências diretas para a socialização racial nas famílias, em termos tanto de formação familiar quanto das interações cotidianas dos membros familiares nas Américas.

Em sua análise das mulheres de pele escura com características africanas em famílias da América Latina falantes de espanhol (um grupo conhecido como Latinegras), Lillian Comas-Díaz observa que é menos aceitável que homens claros se casem com mulheres negras, porque uma criança que tem uma “mãe visivelmente Latinegra é um sinal claro da ancestralidade racial mista da criança, reduzindo suas oportunidades para *adelantar la raza* (aprimorar a raça) e, assim, limitando sua atratividade como cônjuges potenciais”.¹⁵⁹ Ela acrescenta que é menos problemático quando uma mulher de pele clara se casa “para baixo” (com um homem negro), porque os pais raramente são presentes; as pessoas estariam menos propensas a ver o pai negro (Latinegro) e, assim, estigmatizar o bebê.¹⁶⁰ As preocupações de que as evidências da herança africana possam reaparecer na quinta geração (de um bisavô) se manifestam como o medo de *requintar*, que ajuda a explicar a antecipação quase obsessiva e a vigilância das

156 Twine (2010).

157 Gilroy (1993, p. 218).

158 Relethford et al. (1983), Candelario (2007), Comas-Díaz (1994).

159 Comas-Díaz (1994, p. 40).

160 Id. *ibid.*

características do bebê em algumas famílias hispânicas da América Latina.¹⁶¹ Escrevendo sobre as mulheres negras porto-riquenhas, Angela Jorge postula: “suas experiências negativas não vêm apenas de grupos de fora, mas também de sua própria comunidade e família que julgam duramente sua pele escura e seus traços africanos”.¹⁶²

A história compartilhada de escravidão significa que o Caribe francófono também tem sido parte de um sistema de supremacia branca e de branqueamento. Frantz Fanon oferece uma perspectiva sobre o fenômeno em uma entrevista com uma mulher negra na Martinica:

Mayotte ama um homem branco a quem se submete em tudo. Ele é seu lorde. Ela não pede nada, não demanda nada, exceto um pouco de branquitude na sua vida. Quando tenta definir em sua mente se o homem é bonito ou feio, ela escreve “tudo o que sei é que ele tinha cabelos loiros, olhos azuis e uma pele clara e que eu o amava”. Não é difícil ver que um rearranjo desses elementos em sua própria hierarquia produziria algo dessa ordem, “eu amava ele porque ele tinha olhos azuis, cabelos loiros e uma pele clara”.¹⁶³

Aqui, Fanon demonstra que as ideologias de branqueamento influenciam as percepções de amor. Ela ama um homem que é branco ou ela o ama porque ele é branco? Os entrevistados neste estudo às vezes têm dificuldades para encontrar uma resposta para essa questão, o que mostra quão profundamente o reino emocional é estruturado pelas ideologias raciais.

O desejo de branqueamento é reproduzido nas poderosas dimensões e ideologias raciais que moldam as tensões entre o Haiti e a República Dominicana, sendo esta descrita como uma nação “negrofóbica”, mesmo que a maioria da população seja descendente de africanos.¹⁶⁴ Nos anos 1960, durante a pressão do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, uma estudante ativista escreveu uma carta para sua mãe que foi publicada no jornal do Comitê de Coordenação Não Violenta dos Estudantes. Nela, criticou a mãe por promover o preconceito contra negros:

161 Como Comas-Díaz (ibid., p. 41) indica, o termo requintar vem da palavra quinto e representa o número de gerações que os traços negros podem “manchar” uma família.

162 Jorge (1979, p. 184).

163 Fanon ([1952] 1967, p. 42).

164 Torres-Saillant (2000).

Lembro-me, muitos anos atrás, de me falarem várias e várias vezes para apertar o meu nariz de vez em quando para torná-lo mais pontiagudo. Foi fortemente enfatizado que eu deveria encontrar um marido tão branco quanto possível e com o cabelo mais liso que se pudesse imaginar, para que, quando tivéssemos filhos, eles pudessem “se passar por branco”.¹⁶⁵

O aperto do nariz tem sido praticado no Brasil, nos Estados Unidos e em todo o Caribe a tal ponto que “uma jovem garota foi levada inconsciente para o pronto socorro do hospital depois de usar um prendedor de roupas em seu nariz chato de modo a deixá-lo mais fino e para que parecesse menos negra”.¹⁶⁶

Nos Estados Unidos, pesquisadores escreveram à exaustão sobre como o tratamento diferenciado baseado na cor da pele tem moldado as dinâmicas familiares. Olhando para além das relações românticas, pesquisadores da Psicologia e das Ciências Sociais têm produzido algumas das mais extensas pesquisas sobre como a cor da pele afeta a rivalidade entre irmãos, o favoritismo e o tratamento diferenciado dentro de uma mesma família.¹⁶⁷ Pesquisas recentes sugerem que pais de crianças com pele escura podem usá-las como “bodes expiatórios” e ter maior consideração pelos seus filhos de pele mais clara, e que também podem projetar intencionalmente ou não intencionalmente uma ampla gama de características sobre as crianças.¹⁶⁸

Ao longo deste capítulo, mostro que a risada e o humor são usados de diversas maneiras para aliviar as desvantagens raciais, criticar práticas familiares obsoletas e encorajar a modificação racial. Nisto, o trabalho de Donna Goldstein sobre a presença de uma estética emocional é influente. Ela descreve como o humor é usado pelos residentes de comunidades pobres no Brasil para lidar com as experiências traumáticas e com suas difíceis realidades cotidianas.¹⁶⁹ Em termos de humor, piadas raciais chamadas brincadeiras funcionam no Brasil analogamente aos comentários racistas *en forma de broma* (em tom de brincadeira) de Porto Rico.¹⁷⁰ No México e no Peru, o humor racial ocorre no “palco principal”, e “espera-se que os

165 Ver “Dear Mother”, *SNCC Newsletter*, n. 7, set.-out. 1967. Cleveland Sellers Collection at the Avery Research Center for African-American History at the College of Charleston, box 18, folder 4.

166 Comas-Díaz (1994, p. 54).

167 Boyd-Franklin (2013), Russell, Wilson e Hall (1992), Graham (2009), Frazier (1957).

168 Boyd-Franklin (2013), Wilder e Cain (2010).

169 Goldstein (2013).

170 Relethford et al. (1983), Twine (1998).

indivíduos ‘aceitem’ piadas racistas e apelidos bem-humorados” ou que corram o risco de serem taxados como “sensíveis demais”.¹⁷¹

Discussão

Certas transições da vida, incluindo o nascimento de uma criança, o início de um relacionamento romântico e o casamento, tendem a provocar conversas explícitas sobre raça e fenótipo entre membros familiares íntimos e vizinhos. Durante essas transições, práticas concretas, uso de linguagem racializada e respostas afetivas que refletem as hierarquias raciais e fenotípicas mostram que emoções e sentimentos transmitem mensagens importantes sobre o estigma racial. As respostas aparentemente viscerais à raça e às características raciais são fundamentais para a socialização do afeto racial em que os membros da família, por meio de um processo naturalizado, internalizam ideias sobre o estigma racial e reproduzem interações sociais com base nelas. Isto é, a emoção circula através das famílias e molda as relações e os processos de racialização.

Nas famílias, a cor clara da pele e as características fenotipicamente brancas não são “padrões neutros, mas algo que funciona como um símbolo de *status* na sociedade brasileira”, ilusórios, mas algo a ser aspirado.¹⁷² Em conformação com o modo como os recursos materiais são desigualmente distribuídos em um sistema social racializado, os membros familiares considerados mais negros têm desvantagens e recebem menos recursos afetivos vis-à-vis seus membros familiares de pele mais clara. As famílias não apenas reagem às hierarquias raciais, mas “fazem a raça” e podem ajudar a reforçar a desigualdade ao reproduzi-la. A decisão de Jani de descartar a ideia de um curso universitário para sua filha mostra apenas uma das maneiras com que a socialização racial nas famílias produz desigualdade ao invés de apenas a refletir.

As mulheres, incluindo mães, filhas e membros da família estendida, são fundamentais para as práticas de socialização racial que envolvem a avaliação de corpos generificados e racializados. O investimento emocional em rituais raciais é ainda maior para as mulheres, porque elas não são apenas objeto de escrutínio intenso, como também se exige que elas fiscalizem os outros para demonstrar seu comprometimento com as práticas de

171 Sue e Golash-Boza (2013, p. 1596). Nesta análise do México e do Peru, Christina Sue e Tonya Golash-Boza fazem um caso convincente em que uma “comparação sistemática entre o humor relacionado com os negros e os indígenas na América Latina poderia fornecer uma ponte tão necessária entre os estudos dessas duas populações”.

172 Pinho, P. (2009, p. 40).

boa mãe. As críticas das outras mulheres são o incentivo e o reforço para práticas que gerenciam a aparência racial de crianças.

Em todas as famílias que estudei, com exceção de uma, o pai tem um papel secundário na educação e socialização racial das crianças. No entanto, os pais fazem-se presentes como avaliadores do produto racial da mãe e como protetores da fidelidade da mãe, que eles examinam em parte ao verificar o fenótipo racial de seus filhos. Dessa forma, a linguagem racializada, as respostas afetivas aos traços racializados e as práticas concretas que correspondem à raça têm, definitivamente, um elemento de gênero.

Embora as mães sejam centrais nos processos de socialização, a socialização racial ocorre num contexto muito mais amplo de relações familiares – mãe-filho, pai-filho, irmãos e família estendida (tanto não biológica como biológica) –, bem como nas relações românticas. Destaco essa ampla gama de relacionamentos para revelar a onipresença da branquitude hegemônica e para mostrar como uma aparência racial mais branca pode levar a níveis mais elevados de afeição (o filho de Jani e Regane), à exposição a avaliações mais positivas (Adrielle) e a experiências que promovem o afeto positivo (Lilza). Da mesma forma, nas relações românticas ocorrem as barganhas e trocas sociais nas quais o fenótipo funciona como capital simbólico que pode ser trocado pela promessa de amor, lealdade e *status*. A interseção de noções hegemônicas de beleza, *status*, raça e gênero significa que as pretas (mulheres de pele escura e características africanas) são severamente desfavorecidas nessas interações românticas e familiares.¹⁷³

A linguagem também surge como um fator importante que promove a socialização de afeto racial. O uso de termos e frases racializados, incluindo barriga suja, limpinha, limpando a raça e gente bonita, e até o uso da forma diminutiva de adjetivos para descrever a atratividade de uma pessoa negra serve para combinar branquitude com limpeza, bondade e atratividade. Isto é uma extensão das preocupações históricas de higiene racial e mostra a relevância contemporânea de um “sentimento de branqueamento”, que ainda estão muito presentes no Brasil e nas Américas.¹⁷⁴ Esses termos normalizam o estigma racial associado à negritude e legitimam o uso de rituais raciais projetados para corrigir as características raciais.

À guisa de conclusão, uma análise das interações afetivas dentro das famílias, das relações não românticas e não sexuais fornece uma lente mais ampla que permite teorizar os mecanismos de dominação. Pesquisadores tendem a se concentrar muito pouco em como a emoção afeta os processos

173 Hunter (2013), Thompson e Keith (2001).

174 Petrucelli (2001), Baran (2007, p. 388).

de racialização e a socialização racial, dando pouca atenção às dimensões interseccionais que moldam as pressões incomparáveis para mães e filhas. Embora as mães sejam responsáveis por disciplinar os corpos racializados e generificados, ainda que sejam elas os atores que se envolvem mais visivelmente no tratamento diferenciado, suas mãos estão atadas porque agem dentro das restrições das pressões sociais significativas.

Exemplos por toda a diáspora ilustram que as famílias negras são complexas, contraditórias, muitas vezes estão conscientes de suas opções limitadas e fazem as melhores decisões dentro do possível. Isso não quer dizer que tais decisões e ações não deveriam ser problematizadas, mas que precisam ser contextualizadas. Muitas mães e mulheres se envolvem em barganhas raciais de modo ambivalente ou ressignificam o uso de rituais raciais, tais como o aperto do nariz como forma de ajudar ao invés machucar os membros familiares.¹⁷⁵ Algumas mães descrevem esse envolvimento em rituais raciais como resistência ou agência em uma sociedade que usa o corpo racializado e generificado como ferramenta de poder e opressão. No final das contas, em resposta à questão provocativa no título deste capítulo, “O que o amor tem a ver com isso?”, esta pesquisa sugere que em muitas famílias existe amor, mas como esse amor se parece geralmente depende de como você se parece.

175 JeffriAnne Wilder e Colleen Cain (2010, p. 591) fazem uma análise convincente de como na “socialização de cor” as figuras maternas muitas vezes acreditam que estão ajudando, não prejudicando os familiares.